

Gatas Graças



revista
**mangues
& letras**

08 de Maio de 2018 - Número 09

ISSN - 22369570

Expediente

Organização e seleção de texto: Tânia Lima

Arte da Capa: Jonathan S. Gomes

Fotografia Capa: Jackie Morris

Web Designer: Thamise Cerqueira

Revisão: Andrea Costa, Auria Rafael

Contato - email:

manguesletras@gmail.com.br



Colaborador(x)s

Alexandra Felipe, Ana Martins Marques, Amanda Macêdo, Ângela de Santa Rita, Bárbarah Alves, Clara Cruz, Cellina Muniz, Jucély Régis, Jussara Salazar, Luan Henrique, Lúcia Costa, Lúcia Lucena, Luíza Nóbrega, Marjorie Medeiros, Mara Faturi, Maria Fernanda, Marina Barros, Fátima Costa, Fernanda Meireles, Daniela Aragão, Tânia Lima, Concita Alves, Crizeite Costa da Silva, Gilvânia Machado, Thayane Moraes, Isabela Coelho, Vânia Vasconcelos, Valéria Regina Dallegrave.

Conselho das felinas

Alice Tavares (RN); Daniela Aragão (MG); Fernanda Meireles (CE); Fátima Costa (PE); Flávia Maia (PB); Jucély Régis (RN); Mara Faturi (RS); Renata Pimentel (PE); Vânia Vasconcelos (BA); Valéria Regina Dallegrave (RS); Fátima Souza (AM) .

Editorial, Miau!



O Título da edição "*Gatasgrafias*" vem revisitado de um poema de Ana Cristina César. Esta revista-livro, organizada para celebrar os guizos, também mapeia um pouco as histórias do feminismo em diálogo com os felinos. Idealizamos realizar este número especial e espacial sobre mulheres e gatos já faz um certo tempo, quando começamos a coletar uma série de leituras sobre a relação entre os guizos e as mulheres na poesia. Na antiguidade, o povo egípcio acreditava que Bastet era uma divindade de personalidade delicada e enigmática. A deusa africana Bastet, representada na figura de uma felina, traduz o místico mundo mítico. Sabe-se que, na África egípcia, milhares de gatos foram mumificados em uma prática reservada apenas às pessoas que tinham poder, a exemplo dos Faraós. No cemitério de Beni-Hassan, foram encontrados mais de trezentos mil gatos mumificados. Se no berço da antiga civilização, quem ousasse matar um gato seria severamente punido com pena de morte, nas muralhas da China, os felinos eram reverenciados como amuleto de sorte, símbolo sagrado do feminino. Os gatos, para os chineses, eram recebidos como entidades místicas que carregavam energias e serviam de elos protetores, mas também símbolo ligado às mulheres. No universo da cultura chinesa, a luminosidade transmitida no olhar de um gato transluzia a magia de afastar os espíritos malignos. Não muito longe desse pensar, na antiga Pérsia, havia uma crença popular de que a morte de um gato preto representava a morte do espírito fraterno no mundo. Na trajetória de animais humanos e animais não- humanos, mulheres & gatos compõem juntos o minério fabuloso que compõe a subjetividade. Do outro lado do mundo, na velha Europa, por volta da "idade média", iniciou-se uma verdadeira caça às "mulheres-bruxas" e aos felinos que, na visão dos cristãos mais

ortodoxos, foram considerados como criaturas perigosas e endemoniadas. No dia de "Todos os Santos", os católicos costumavam colocar na fogueira da maldade sacos cheio de gatos vivos. Acompanhadas de seus felinos, muitas bruxas foram queimadas em plena praça da inquisição. Alegavam-se que as bruxas se mimetizavam no corpo dos bichos; diziam que o olho de um gato trazia má sorte, azar. No meio da encruzilhada, ninguém se atrevia a fitar os olhos de um gato preto, o "olho do diabo". As consequências de uma tradição que mata e maltrata acarretou a total extinção da espécie felina no continente europeu. No século XIV, os ratos se multiplicaram rapidamente, veio a peste bubônica que dizimou um terço da população europeia. Naquele momento, os gatos foram convocados a saírem dos porões da história para acabarem com a ratazana. É certo que os tempos foram mudando, os gatos foram crescendo novamente, se transformaram em figuras lendárias e cativas no telhado das casas. Em sintonia com tudo isso, a revista *Mangues & Letras* resgata neste volume

um pedacinho da história dos guizos em correspondência com o universo de poetisas e escritoras que se debruçaram sobre a arte de felinizar o mundo. Os gatos, assim como as mulheres, foram domesticados ao longo da história da humanidade.

Em um tipo de cultura que dorme cotidianamente com o carma geográfico da violência, o que se pode fazer para modificar a realidade de um mundo que dizima em nome de uma tradição cultural? Como apontar uma saída, uma mudança de mentalidade, sem vislumbrar caminhos para um projeto sério de "Educação Cultural"?



Tânia Lima

GATASGRAFIAS



Vanda Gag

Of all our sunny world
I wish only for a garden sofa
where a cat is sunning itself.
There I should sit
with a letter at my breast,
a single small letter.
That is what my dream looks like.

Edith Södergran



“I have a luck cat in my arms,
it spins threads of luck.
Luck cat, luck cat,
make for me three things:
make for me a golden ring,
to tell me that I am lucky;
make for me a mirror
to tell me that I am beautiful;
make for me a fan
to waft away my cumbersome thoughts.
Luck cat, luck cat,
spin for me some news of my future!”

Edith Södergran

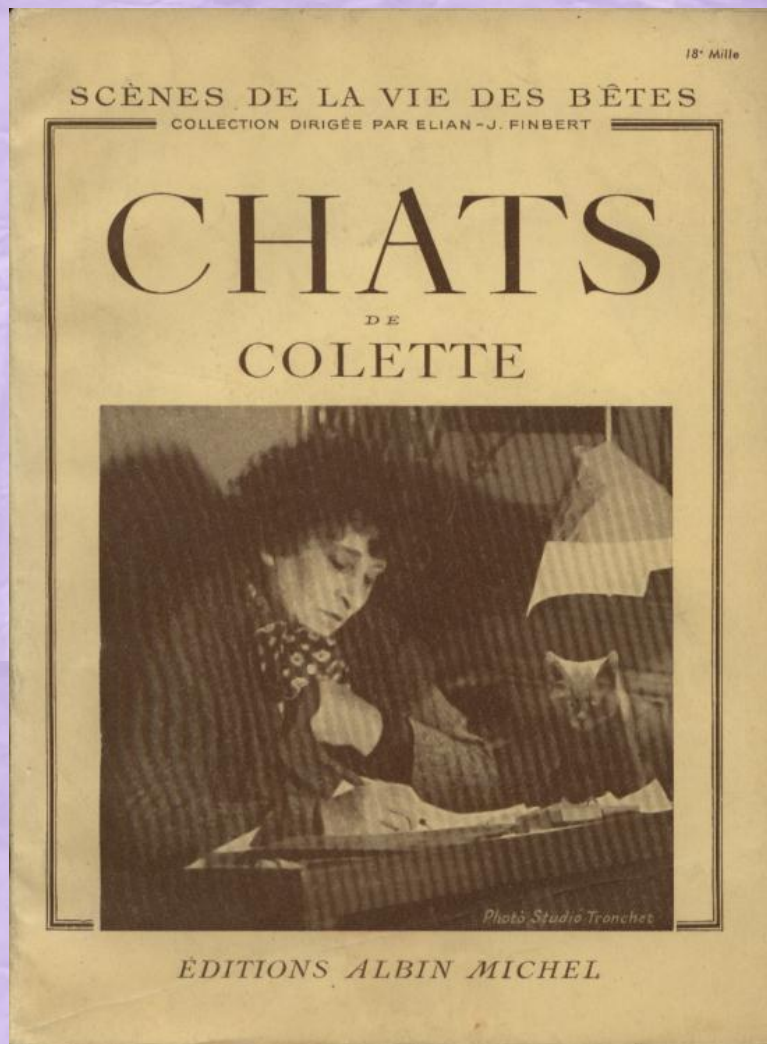


Foto: David McDuff



Colette

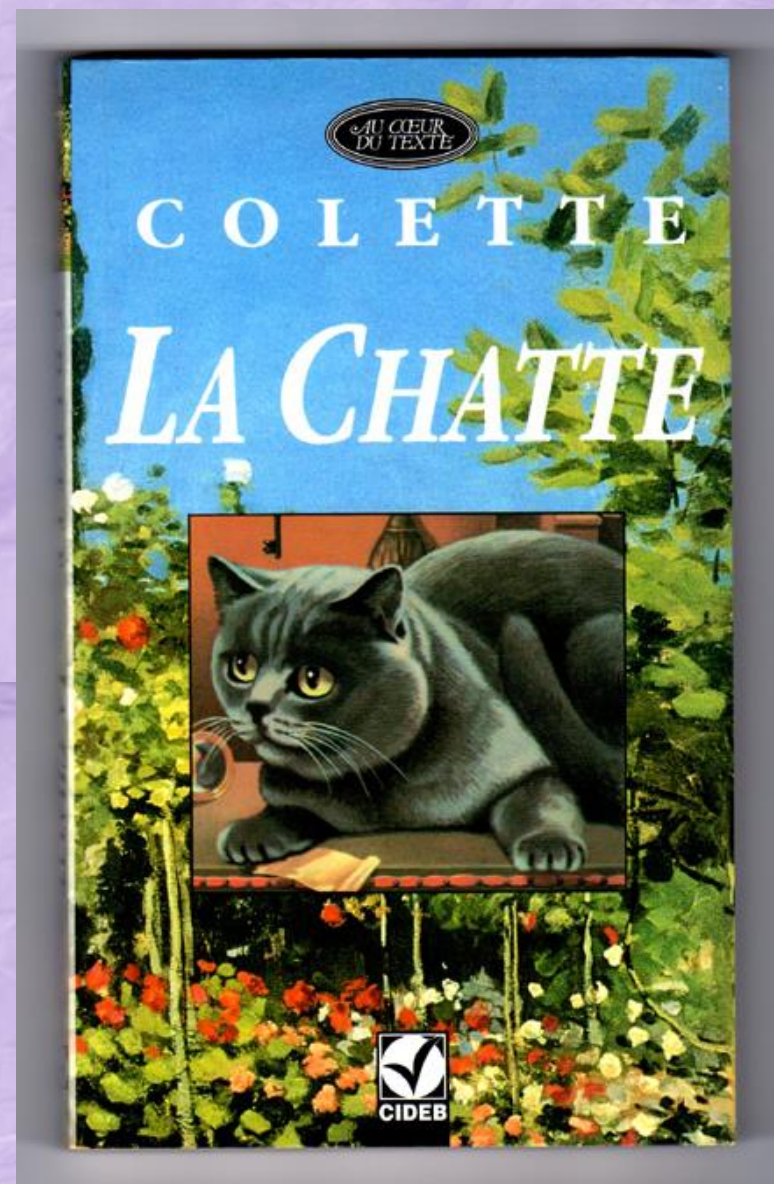


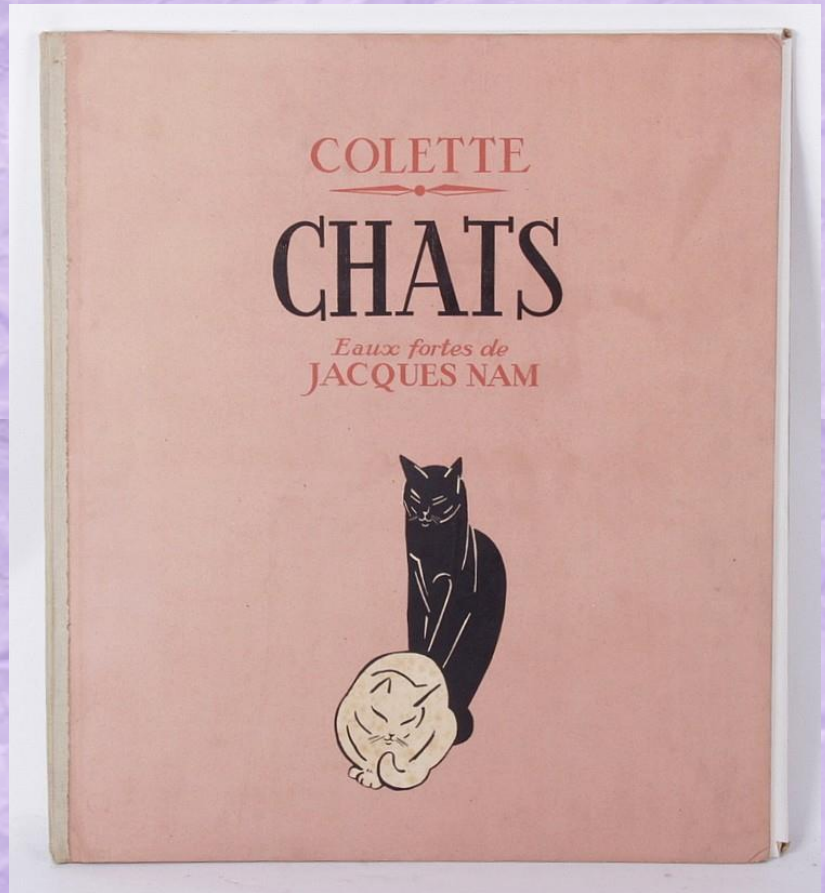


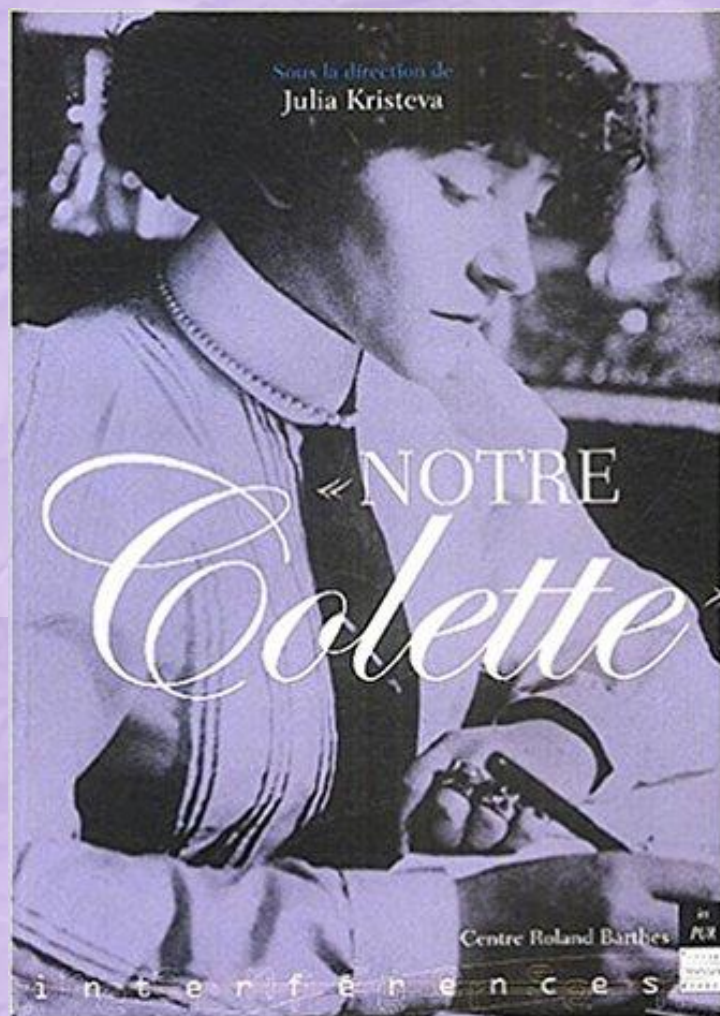


A fréquenter le chat
on ne risque
que de s'enrichir
Colette









George Sand gostava de conversar com sua gatinha MINOU. Contam que Minou e Sand eram tão amigas que um dia a gata e a escritora partilharam da mesma tigela em um pequeno almoço.

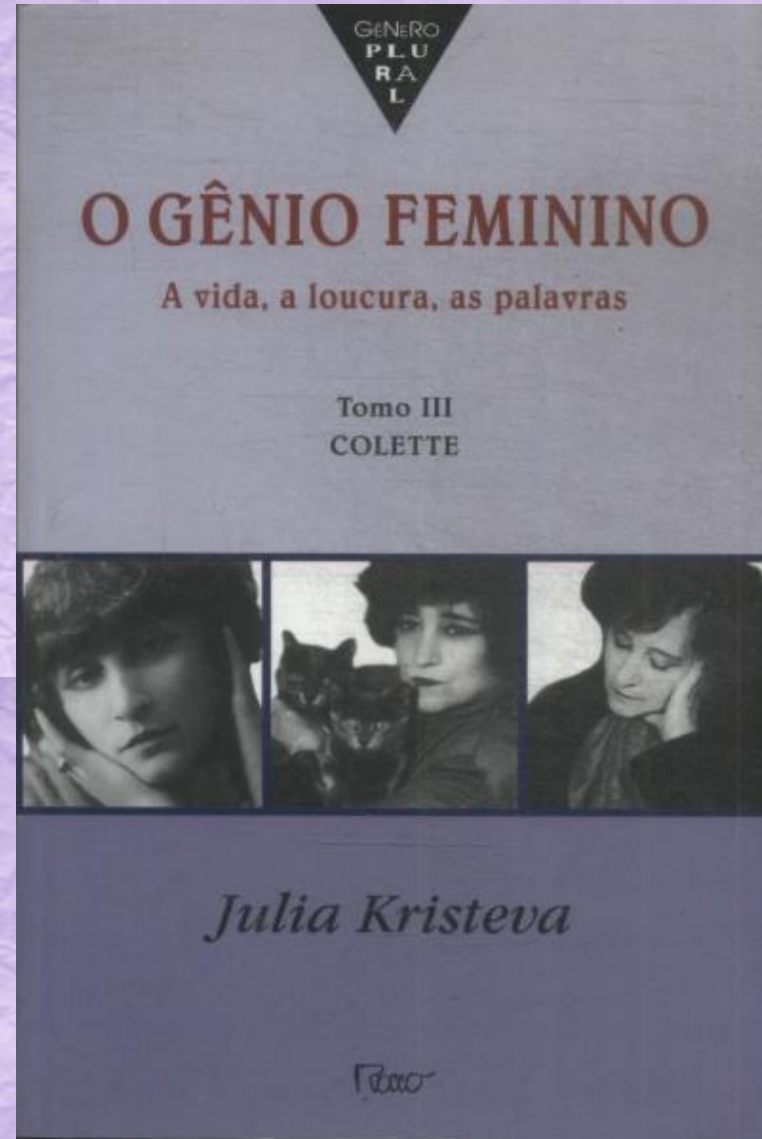


**“O meu gato não fala comigo tão
respeitosamente, como eu o faço com
ele!”**

George Sand

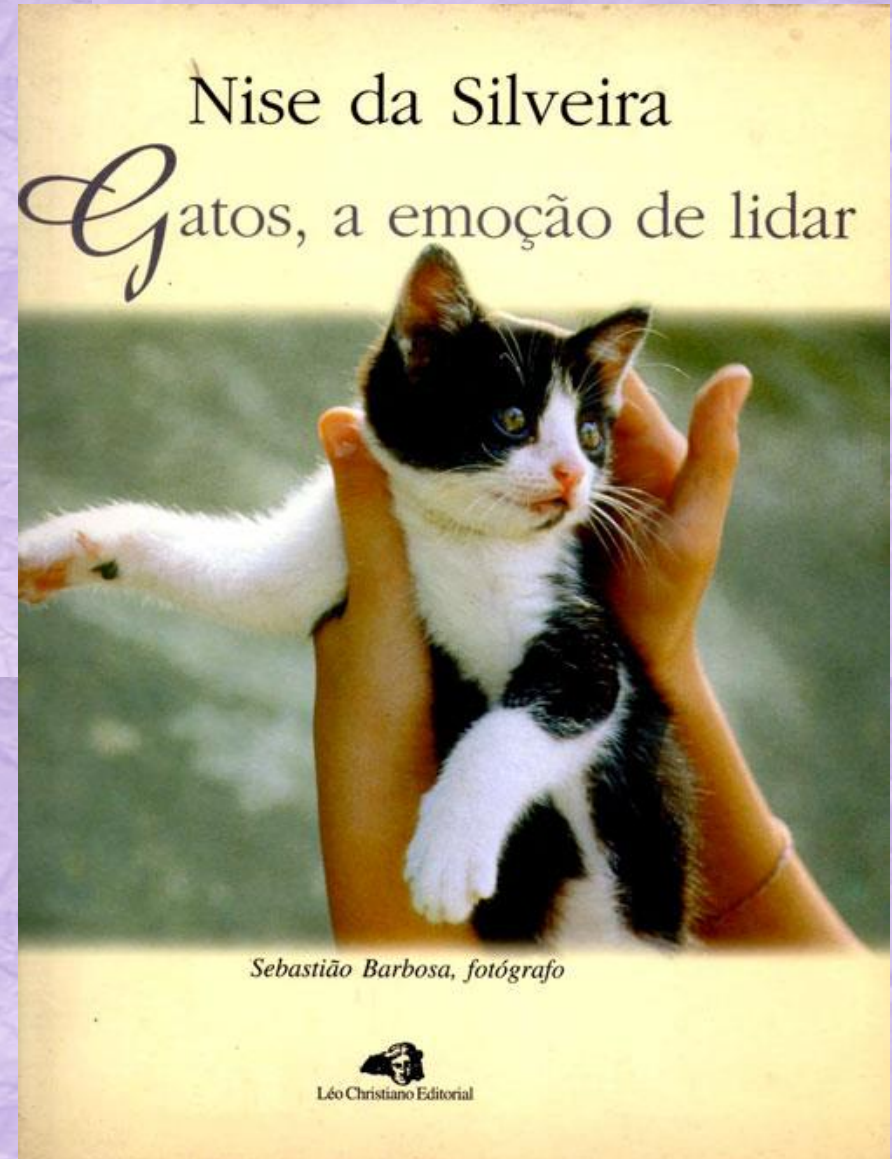


Júlia Kristeva



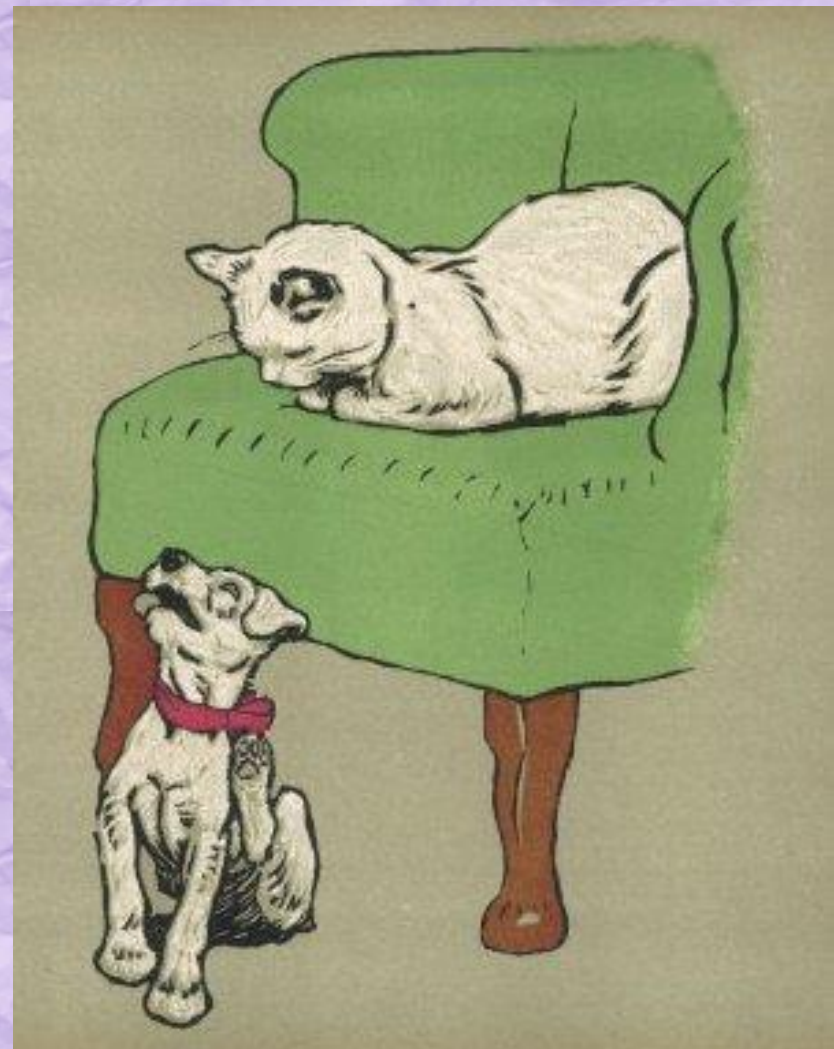
O gato é um ser essencialmente livre e essa liberdade desafia o homem.

Nise da Silveira



"Observei que os resultados terapêuticos das relações afetivas entre o animal e o doente eram excelentes. Mas era difícil que essa idéia tivesse campo para desenvolver-se. No Brasil a aproximação entre doente e animal, infelizmente, ainda não era cultivada. A preocupação dos terapeutas, ao contrário, afastava o animal do doente, sob alegações inconscientes. Compensadoramente, amigos distantes foram solidários: o Pr. Boris Levinson, psicanalista americano, comentou por carta esses fatos ocorridos no Brasil, como a expulsão, envenenamento ou morte contra os animais. Eis um trecho da carta: 'Sem dúvida, para muitos desses doentes, os animais eram a sua única linha de vida para a saúde mental'".

NISE DA SILVEIRA





Nise da Silveira

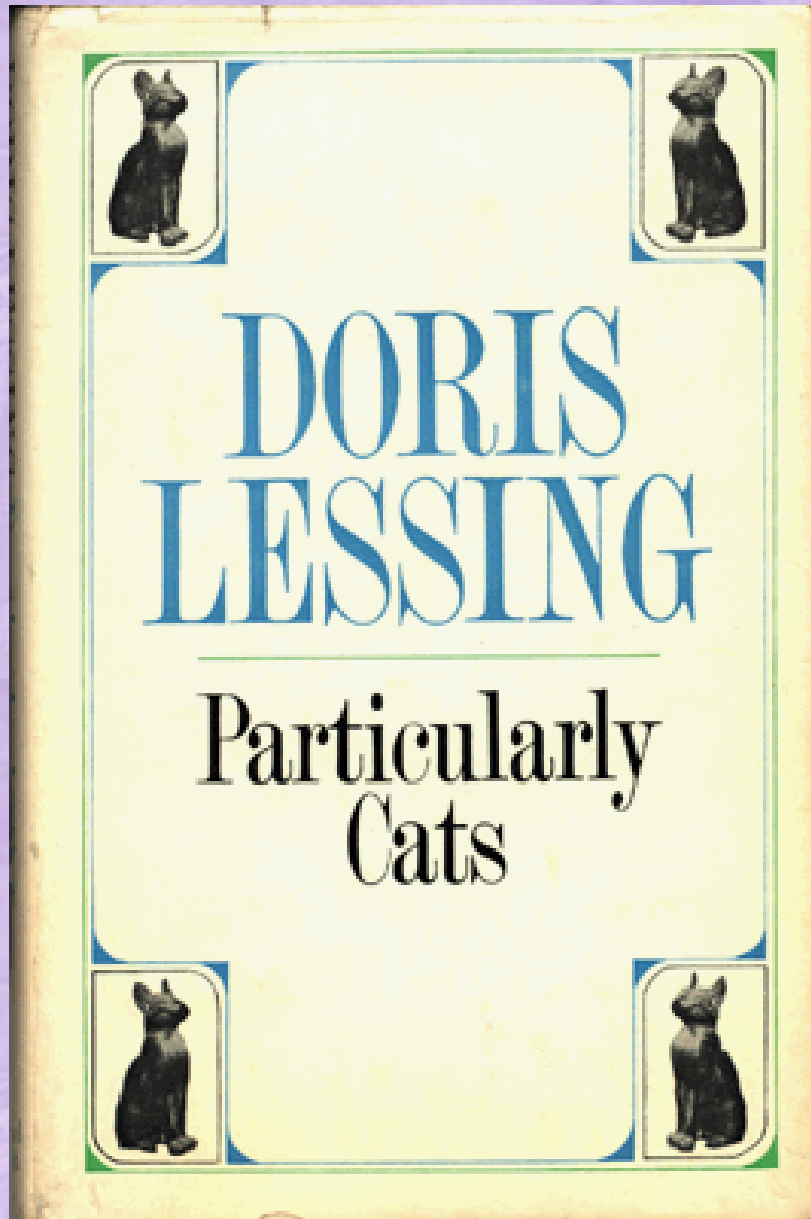


LOUISA MAY ALCOTT

A pobreza em que vivia a família obrigou Louisa Alcott a começar a trabalhar bastante jovem como professora, costureira, governanta, empregada doméstica e escritora. As irmãs de Louisa também se empregaram como costureiras e contribuíam para o orçamento familiar.

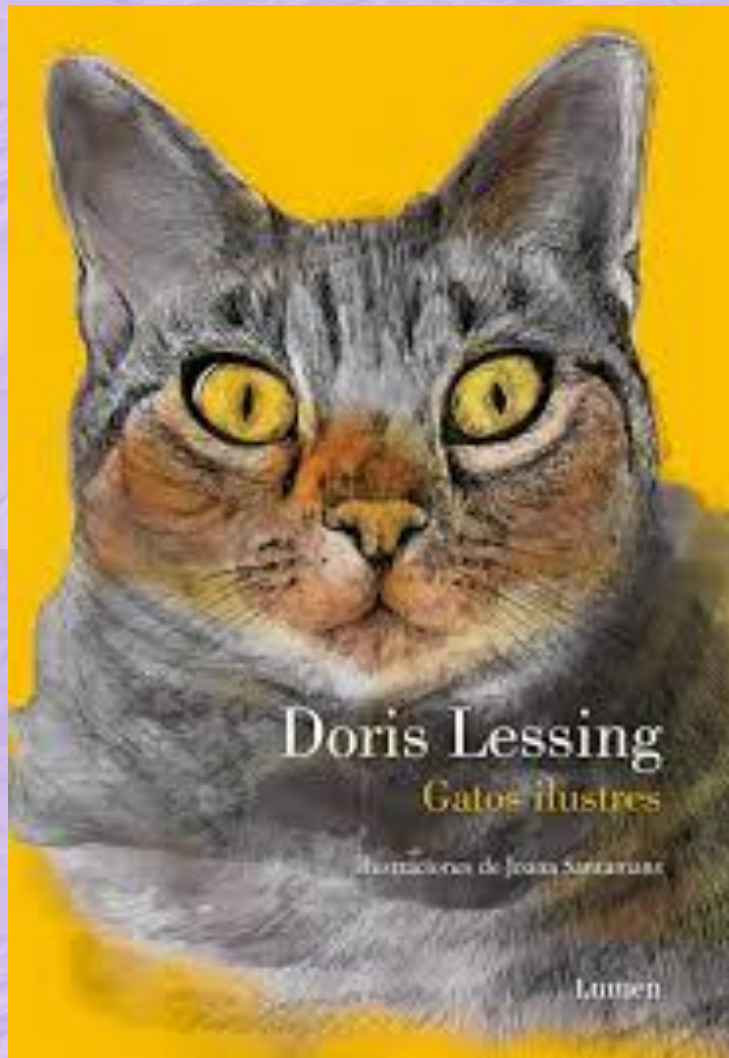


Doris Lessing
Nobel de Literatura em 2007.

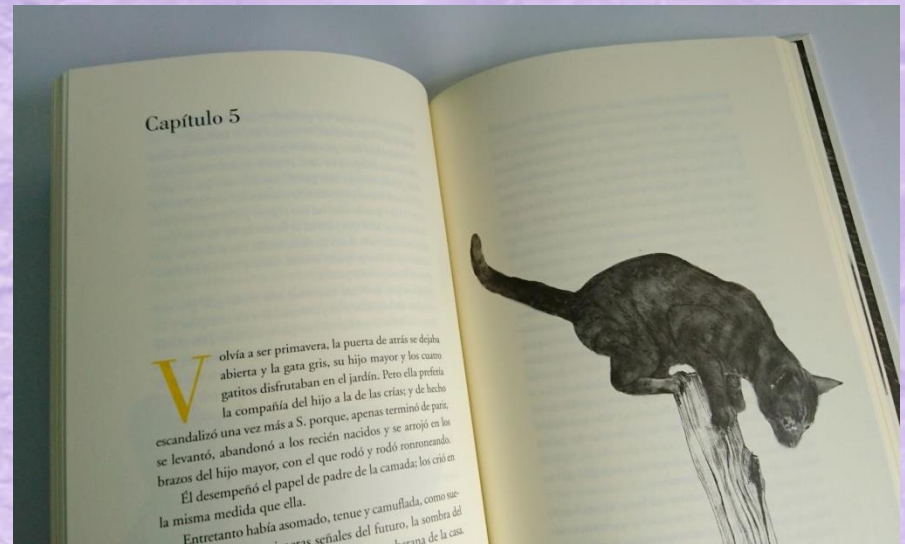


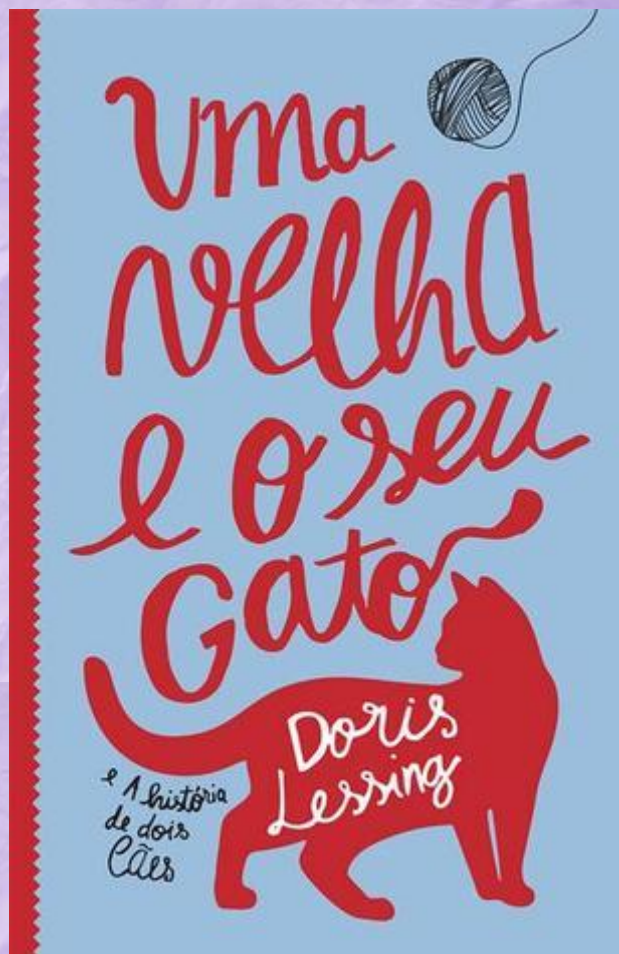
"Knowing cats, a lifetime of cats, what is left is a sediment of sorrow quite different from that due to humans: compounded of pain for their helplessness, of guilt on behalf of us all".

DORIS LESSING



Doris Lessing nasceu no Irã, antiga Pérsia, filha de pais ingleses, viveu vários anos no Zimbabuê, antes de se mudar para Inglaterra em 1949. Seu primeiro romance foi publicado em 1950; alcançou grande sucesso na Europa e nos EUA. Publicou mais de 50 livros, entre romances, contos, poesia, teatro e não ficção. Ao final da sua carreira foi distinguida com diversos prêmios, incluindo o prêmio *Príncipe das Astúrias* e o *David Cohen British Literature Prize* em 2001. Em 2007, a Academia Sueca atribuiu-lhe o *Prêmio Nobel da Literatura*.





Os gatos

..."vigiam seres, actividades, acções inabituais para eles, durante horas. Fazer uma cama, varrer o chão, fazer ou desfazer uma mala, coser, tricotar - qualquer coisa, observam e vigiam. Mas o que vêem? Há cerca de duas semanas, gata preta e dois gatinhos sentaram-se no meio do chão vendome cortar tecido."E não conseguimos deixar de ser solidários com ela nas idas ao veterinário, nas doenças (" Não se lambera, não se limpava durante dias. Não conseguia mexer-se. Não melhorava. Se toda a minha atenção, se todas as técnicas da clínica não adiantavam nada, talvez, afinal de contas, se devesse deixá-la morrer, uma vez que era o que ela queria. Lá ficava, dia após dia, em frente ao radiador.") e no regresso à normalidade ("Mas melhorou. Deixou de sujar o chão. Comia. E um dia, em vez de se instalar na sua habitual posição agachada, de espera, lembrou-se de que podia deitar-se enrolada. Não foi fácil nem rápido. (...) Depois enrolou-se, com nariz na cauda, e adormeceu. Era outra vez um gato. Mas ainda não se lambia."

DORIS LESSING

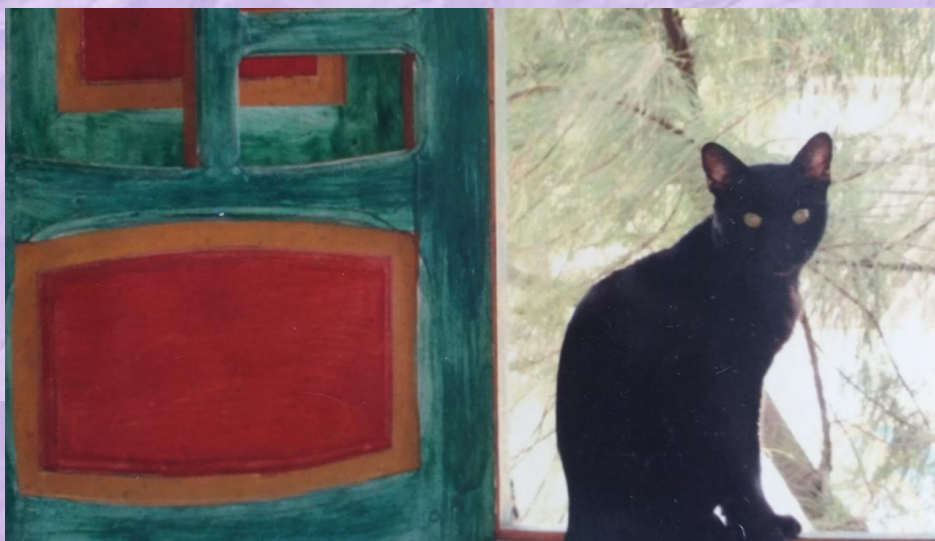


Loredano

Como um gato de dorso arrepiado,
arrepio-me diante de mim.

Clarice Lispector





Fotografia de Lúcia Lucena

Quando estou em casa,
dói ser,
quando saio,
não posso ser casa,
essa intermitência tensa,
dói-me-ser.

Fátima Costa

Na casa
inefavelmente
circulam olhos
de ouro

vibre (em ouro) a
volúpia
o escuro tenso
vulto do deus sutil
indecifrado

na casa
o imperecível mito
se aconchega

quente (macio) ei-lo
em nossos braços:
visitante de um tempo sacro (ou de
um não tempo).



Orides Fontela

Da poesia

*Um
gato tenso
tocaiando o silêncio*

Orides Fontela



Foto: Luan Henrique dos Santos Lima



http://www.flickriver.com/photos/100porcento_artesanal/2356060407/

Como tras los mullidos ves tres gatos
a su trisagio erótico ceñidos,
saltar por los tejados, aguerridos
como otros d ' *Artagnan*, *Porthos* y *Athos*,
pasas a depender, no de insensatos
pensamientos ajenos repetidos
ni de tu larga deuda de descuidos
sino del paso de estos gatos gratos.

El primero te quita de lo humano
sin llevarte por eso a lo divino;
el segundo te anima la sonrisa;

con el tercero, piensas, de la mano,
más cabal, de la cola del felino:
¿a qué, no siendo humanos, tanta prisa?

Ida Vitale



Rachel Carson - escritora



Fotografia de Samy

"Os meus gatos já deixaram ha muito tempo de brincar com minhas baratas. A Ofélia tem 12 anos, seis meses e sete dias. Os guizos, segundo o Dr. Morais, têm 9 anos. Entretanto, gatos morreram, desapareceram. Estou a escrever isto no computador e não sei de Guizos há três dias".

Adília Lopes



"um dos grandes temas da atualidade
é sem duvida

esta panela de esmalte
cheia de peixes brancos
(...)

Não são para mim,
são para meus gatos"

ADÍLIA LOPES



"Um cão, eu sempre digo,
é prosa
um gato é um poema".

Corpo já lavrado
eqüidistante da semente
é trigo
é joio
milho híbrido
massambala

resiste ao tempo
dobrado
exausto
sob o sol
que lhe espiga
a cabeleira.

Ana Paula Tavares



MUKAI

O risco na pele
acende a noite
enquanto a lua
(por ironia
ilumina o esgoto
anuncia o canto dos gatos)
De quantos partos se vive
para quantos partos se morre

um rito espera-se faça
na garganta da noite

recortada sobre o tempo
pintada de cicatrizes

olhos secos de lágrimas
Domingo, organiza a cerveja
de sobreviver os dias.



Ana Paula Tavares
escritora Angolana

Gato num Apartamento Vazio

Por Wislawa Szymborska

Morrer – isso não se faz a um gato.
Pois o que há de fazer um gato
num apartamento vazio.
Tregar pelas paredes.
Esfregar-se nos móveis.
Nada aqui parece mudado,
e no entanto algo mudou.
Nada parece mexido,
e no entanto está diferente.
E à noite a lâmpada já não se acende.

Ouvem-se passos na escada,
mas não são aqueles.
A mão que põe o peixe no pratinho,
também já não é a mesma.

Algo aqui não começa
na hora costumeira.
Algo não acontece

como deve.
Alguém esteve aqui e esteve,
e de repente desapareceu
e teima em não aparecer.

Cada armário foi vasculhado.
As prateleiras percorridas.
Explorações sobre o tapete nada mostraram.
Até uma regra foi quebrada
e os papéis remexidos.
Que mais se pode fazer.

Dormir e esperar.

Espera só ele voltar,
espera ele aparecer.
Vai aprender,
que isso não se faz a um gato.
Para junto dele
como quem não quer nada,
devagarinho,
sobre patas muito ofendidas.
E nada de pular miar no princípio.





Defumador de incensos em porcelana China Azul, de formato raro, tampa encimada, com figura de um felino minuciosamente pintado à mão com gravuras orientais.

o gato de porcelana

maria helena galindo ria de tudo
porque antigamente se chorava
de tanto rir sem uma lágrima
sequer Era muito discreta
quando ia à missa de domingo e
não usava decotes largos como
hilda e elvira que apareciam
vestidas de noiva como
andorinhas Maria helena galindo
ria enquanto guardava o gato e
biscuits de porcelana na
cristaleira laqueada Levava a
vida entre fitas e sianinhas
ziguezagues ondulados entre
anjos de açúcar confeitado e o
dia corria maria helena galindo
era criança era moça velha
pianoforte rezava chorava e ria

[Jussara Salazar]





Não sei fazer poemas sobre gatos

Não sei gatografia.

Ana Cristina Cesar

Não sei fazer poemas sobre gatos

se tento logo fogem

furtivas

as palavras

soltam-se ou

saltam

não captam do gato

nem a cauda

sobre a mesa

quieta e quente

a folha recém-impressa

página branca com manchas negras:

eis o meu poema sobre gatos

Ana Martins Marques, poeta mineira, autora de Da Arte das Armadilhas.

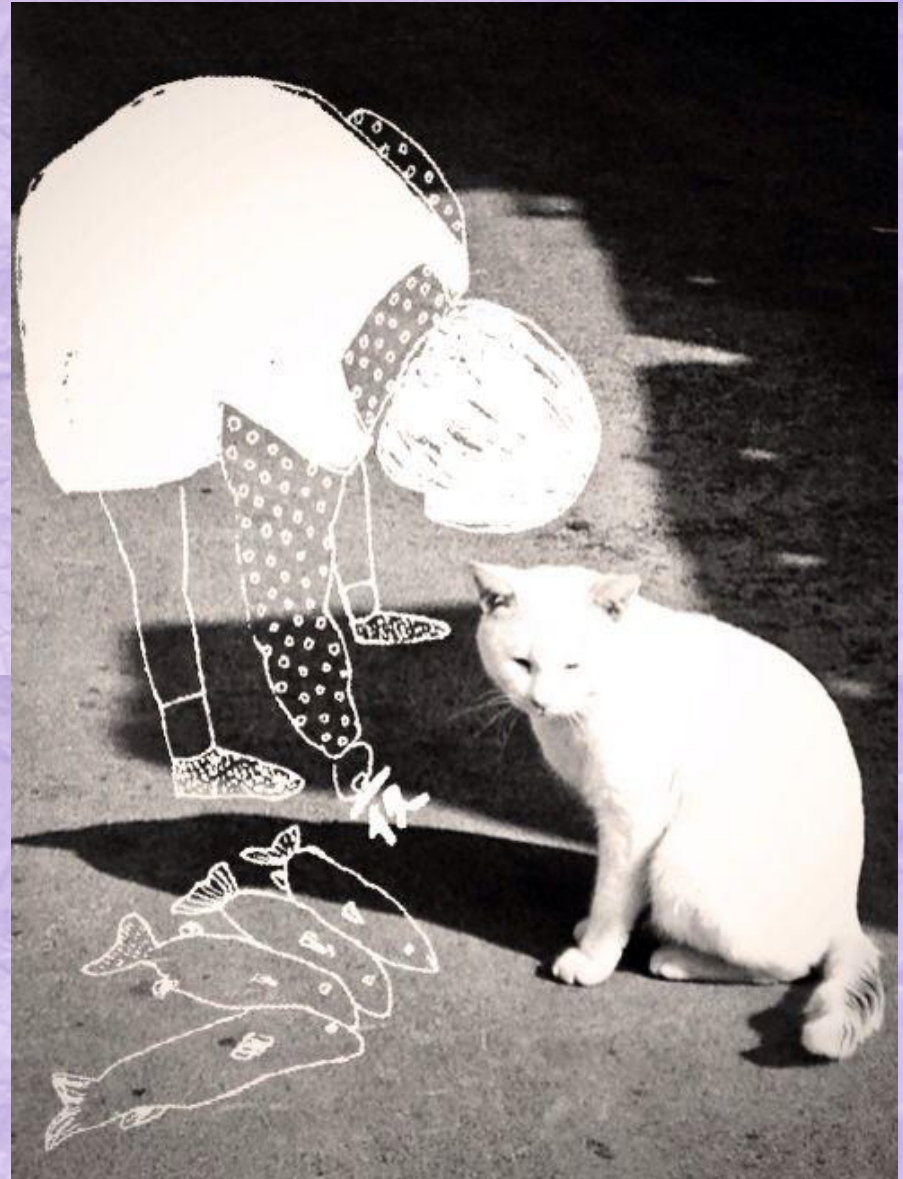


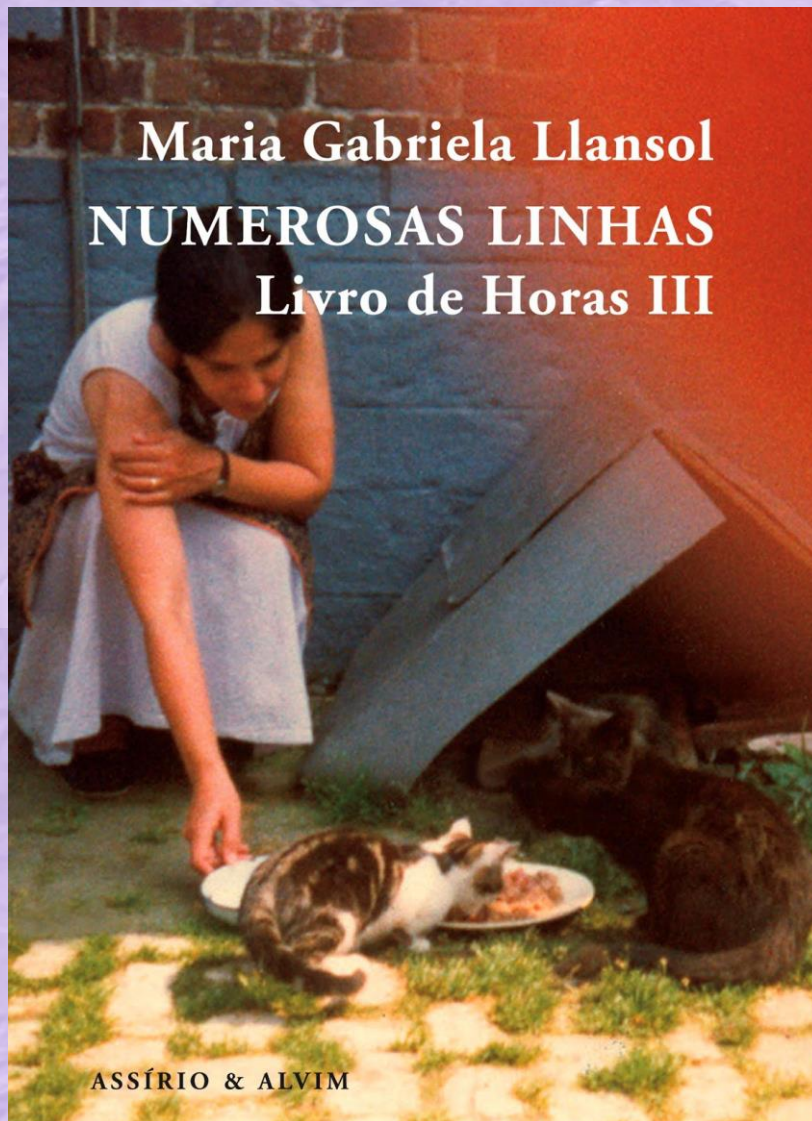
Sylvia Plath



Like a cat I have nine
times to die

Sylvia Plath





3 de Dezembro de 1998

Melissa Jade olha-me com atenção para verificar em que momento deixarei cair o lápis e a minha posição de debruçada. Não posso deixar de crer que ela, sobre o braço da poltrona, está na escola. Olha sem saber ainda o que o seu olhar pensa. Talvez todos nós sejamos iguais – apenas em etapas diferentes sobre a linha da interrogação. Por mim, o lugar onde respiro mais e aprendo melhor é Parasceve. E não me admiro que com um gato inteligente e inquiridor suceda o mesmo. Vamos, pois, ver. Ela há-de ir brincar com a caneta que, por fim, eu hei-de deixar cair. Enrodilha-se o tapete com a brincadeira, e o

pensamento envolve-se, um pouco sujo, com o lápis caído no chão, e como qualquer pessoa que se preze, sobrevive... Melissa Jade acabou de sentar-se sobre a minha anca. Para ela, sou também uma cadeira. Para os habitantes de Parasceve que acordaram eu sou também o carteiro que, depois de tomar o café, vai sair e recolher-lhes os medronhos – ou seja, as cartas não escritas, e nunca vistas, com que sonharam de noite, e eu porei na caixa infinita do correio, em plena luz do dia.

Maria
Gabriela Llansol



Fotografia original
de Antônio Pedro Ferreira



Ana Cristina César
visita ao Maranhão - 1972

Arte-manhas de um gasto gato

Não sei desenhar gato.

Não sei escrever gato.

Não sei gatografia

Nem a linguagem felina das suas
artimanhas

Nem as artimanhas felinas da sua não-
linguagem

Nem o que o dito gato pensa do
hipopótamo (não o de Eliot)

Eliot e os gatos de Eliot ("Practical
Cats")

Os que não sei

e nunca escreverei na tua cama.

O hipopótamo e suas hipopotas ameaçam
gato (que não é hopogato)

Antes hiponímico.

Coisa com peso e forma de peso
e o nome do gato?

J. Alfred Prufrock? J. Pinto Fernandes?
o nome do gato é nome de estação de
trem

o inverno dentro dos bares
a necessidade quente de tê-lo

onde vamos diariamente fingindo nomear
eu - o gato - e a grafia de minhas
garras:

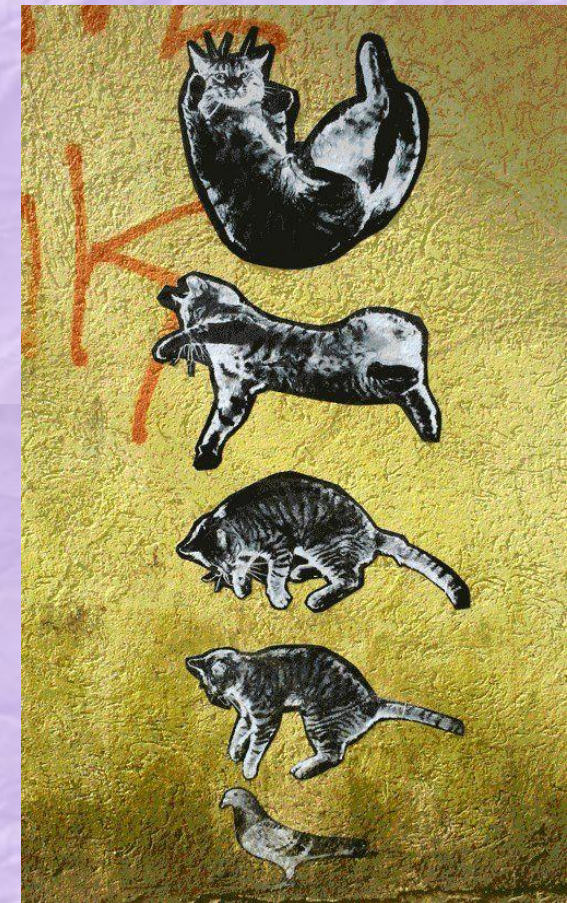
toma: lê o que

eu escrevo em teu rosto
a parte que em ti é minha - é gato
leio onde te tenho gato
e a gatografia que nunca sei
aprendi na marca no meu rosto
aprendi nas garras que tomei
e me tornei parte e tua - gata - a
saltar sobre montanhas como um gato
e deixar arco-irisado esse meu salto
saltar nem ao menos sabendo que desenho
e escrita esperam gato
saltar felinamente sobre o nome de gato
ameaçado
ameaçado o nome de GATO
ameaçado o nome de GASTO
ameaçado de morrer na gastura de meu
nome
repito e me auto-ameaço:
não sei desenhar gato
não sei escrever gato

não sei gatografia

Nem...

[Ana Cristina César]





"Todos os dias me lavo
como uma gata
lambendo minha pata
suja de sangue".

Ana Cristina César

O animal estende-se
tem cascos põe-os a render
tem pele aquece
fecha-se nos olhos para adormecer
tudo quanto lembra esquece
despende-se
permanece

Luiza Jorge Neto



<http://natashatavares.tumblr.com/image/73239857904>



<http://natashatavares.tumblr.com/image/73239857904>

Uma sombra encostava a pata
ao vidro da janela
Assim, protegidos adormecíamos

Luiza Jorge Neto



Andy Prokh, fotógrafo russo

GATOS

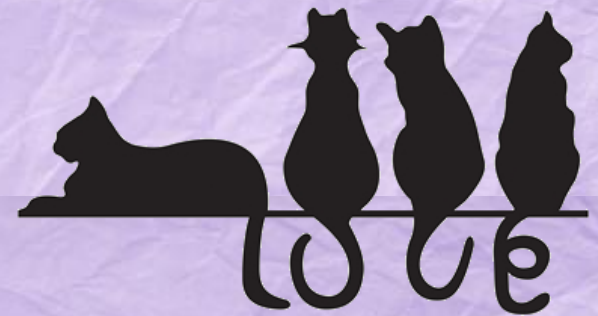
Os meus dois gatos são filhos da neve,
antiguidades de loja chinesa.
Ligeiros seguem minha mão que escreve
a deslizar sobre a face da mesa.

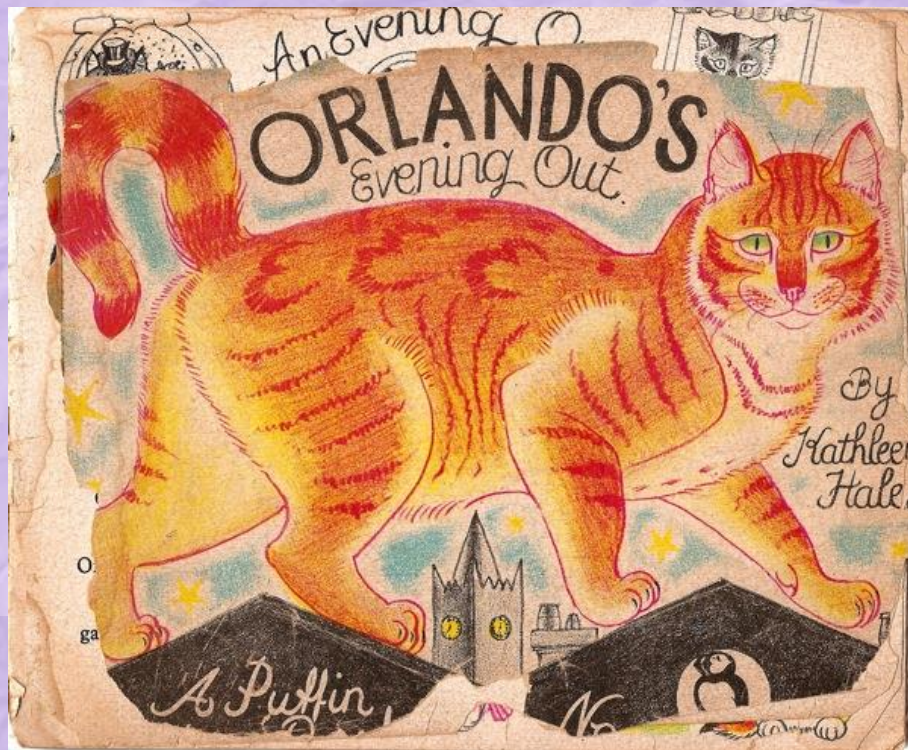
São brancos e graúdos como lebres,
rosas nas patas, ouvidos, focinhos.
Na alta noite são tangidos por febres
e saltam sobre um chão cheio de
espinhos.

Os gatos sonham, têm pesadelos
de peixes, pombos, ratos, cães,ovelos
e de outras eras desaparecidas

que eles trazem na ancestral memória
e esfregam, como seus troféus de glória,
em longas e fleumáticas lambidas.

Luíza Nóbrega





Harvard University, Houghton Library, htc_ms_thr_561_photo_0106



May Sinclair, *escritora e feminista.*



Lullaby For The Cat by

Minnow, go to sleep and dream,
Close your great big eyes;
Round your bed Events prepare
The pleasantest surprise.

Darling Minnow, drop that frown,
Just cooperate,
Not a kitten shall be drowned
In the Marxist State.

Joy and Love will both be yours,
Minnow, don't be glum.
Happy days are coming soon--
Sleep, and let them come...

Elizabeth Bishop



Foto: Marjorie Medeiros

CAT POETRY

She sights a Bird—she chuckles—

She flattens—then she crawls—

She runs without the look of feet—

Her eyes increase to Balls—

Her Jaws stir—twitching—hungry—

Her Teeth can hardly stand—

She leaps, but Robin leaped the first—

Ah, Pussy, of the Sand,

The Hopes so juicy ripening—

You almost bathed your Tongue—

When Bliss disclosed a hundred Toes—

And fled with every one—

Emily Dickinson



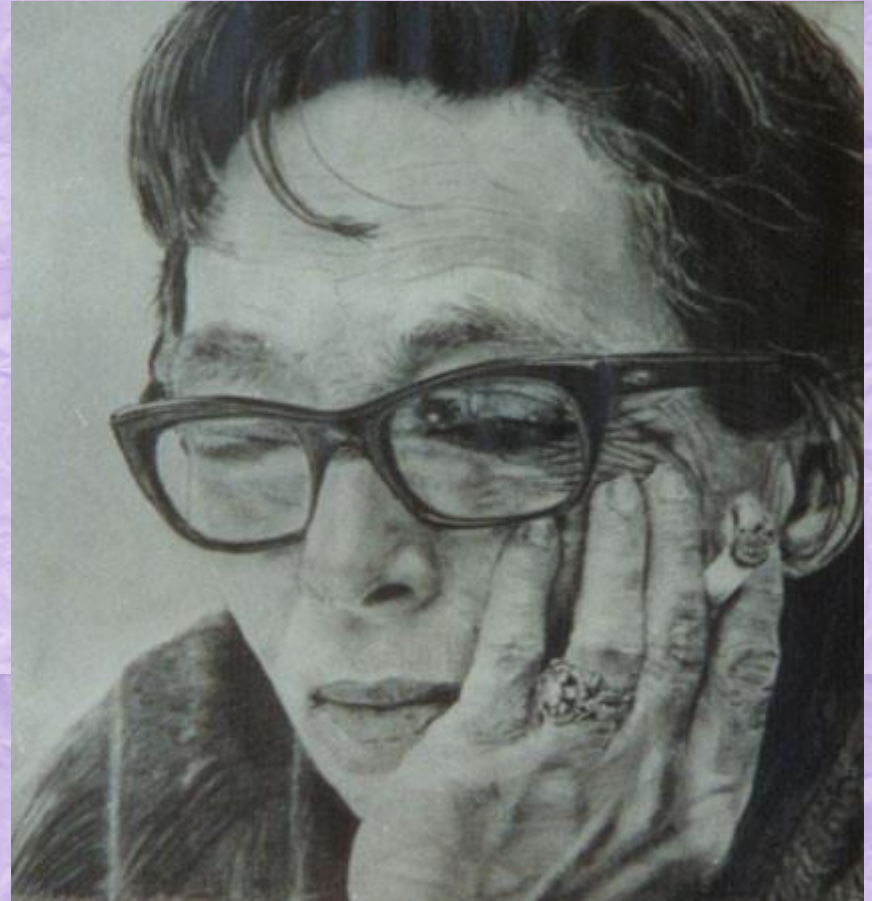
"Et moi je ne veux plus de chats depuis la mort de Ramona la chatte noire, mon amie, ma sœur, mon , que j'ai pleuré 48 heures lorsqu'elle a été écrasée.

C'est par ce chat maigre et fou [...] par ce jardin immobile autour de ce chat, par cette ville autour de moi, de mon amour pour vous que je dois en passer aussi pour vous atteindre et nous faire approcher ensemble de la totalité du monde, de notre désespoir. [...] Je vous aime beaucoup, beaucoup, beaucoup."

Marguerite Duras

**“Le chat ne crie plus
Il est mort
Le froid et la faim
Et moi, cela m’est égal.”**

Marguerite Duras



The Galloping Cat (1972)

Stevie Smith

Oh I am a cat that likes to
Gallop about doing good
So
One day when I was
Galloping about doing good, I saw
A Figure in the path; I said
Get off! (Be-
cause
I am a cat that likes to
Gallop about doing good)
But he did not move, instead
He raised his hand as if
To land me a cuff
So I made to dodge so as to
Prevent him bringing it orf,
Un-for-tune-ately I slid
On a banana skin
Some Ass had left instead
Of putting it in the bin. So
His hand caught me on the cheek
I tried
To lay his arm open from wrist to elbow
With my sharp teeth

Because I am
A cat that likes to gallop about doing good.
Would you believe it?
He wasn't there
My teeth met nothing but air,
But a Voice said: Poor Cat
(Meaning me) and a soft stroke
Came on me head
Since when
I have been bald
I regard myself as
A martyr to doing good.
Also I heard a swoosh,
As of wings, and saw
A halo shining at the height of
Mrs Gubbins's backyard fence,
So I thought: What's the good
Of galloping about doing good
When angels stand in the path
And do not do as they should
Such as having an arm to be bitten off
All the same I
Intend to go on being
A cat that likes to
Gallop about doing good
So
Now with my bald head I go,
Chopping the untidy flowers down, to and fro,
An' scooping up the grass to show

Underneath
The cinder path of wrath
Ha ha ha ha, ho,
Angels aren't the only ones who do not know
What's what and that
Gallop about doing good
Is a full-time job
That needs
An experienced eye of earthly
Sharpness, worth I dare say
(if you'll forgive a personal note)
A good deal more
Than all that skyey stuff
Of angels that make so bold as
To pity a cat like me that
Gallops about doing good.



Infância

Um cachorro balançando o rabo e língua
pra fora
Um gato voando pelos ares, sem
explicação
Um sapo inchado de sal, outro feito tapete
na pista
Um vidro feito pedaços, do copo ou da
janela
Umas mãozinhas tapando os ouvidos para
não ver
Uns dedinhos juntos contam a idade
Uns olhos seguindo tudo que se movimenta
Uma voz cochichando escondida de Deus
Umas cócegas que deixam sem fôlego
Um inseto desconhecido... Será que é um
E.T.?

Uma sujeira, que nem sabão em pó omo!
Um bico, uma careta e um nariz
escorrendo
Uma árvore feita pra gente subir
Um sonho e um pesadelo em que a mãe
não chega

Jucély Régis



Margaret Atwood
poeta e ensaísta canadense





Ângela Davis & Toni Morrison



Gatunice

Ângela de Santa Rita



assim ela repousou no tapete de minha memória
e foi quando lá ficando
com seus passinhos desfilados, cauda
balançando tal estandarte em pleno carnaval
e num gato de tempo ela foi eternizando seus
passares em meu entrepernas
querendo afagos mais longos, troca de vidas
sete?

cada uma em sete segundos
telhados e luares
paredes e cochilos
tapete ganhou estante
alturas e cios
miados e gemidos madrugais
pssss, pssss, pssss vemcábichaninha

mow

fenestra

minhas mãos por teus pelos anseiam

mow



Alexandra Felipe

Sabe o que é um coração
amar ao máximo de seu sangue?
Bater até o auge de seu baticum?
Não, você não sabe de jeito nenhum.

Agora chega.

Reforma no meu peito!

Pedreiros, pintores, raspadores de mágoas
aproximem-se!

Rolos, rolas, tinta, tijolo
comecem a obra!

Por favor, mestre de Horas

Tempo, meu fiel carpinteiro

comece você primeiro passando verniz nos móveis
e vamos tudo de novo do novo começo.

Iansã, Oxum, Afrodite, Vênus e Nossa Senhora
apertem os cintos

Adeus ao sinto muito do meu jeito

Pitos ventres pernas

aticem as velas

que lá vou de novo na solteirice
exposta ao mar da mulatice

Safena

Por Elisa Lucinda

à honra das novas uniões
Vassouras, rodos, águas, flanelas e cercas
Protejam as beiras
lustrem as superfícies
aspirem os tapetes
Vai começar o banquete
de amar de novo
Gatos, heróis, artistas, príncipes e foliões
Façam todos suas inscrições.
Sim. Vestirei vermelho carmim escarlata
O homem que hoje me amar
Encontrará outro lá dentro.
Pois que o mate.



Quarto crescente

Um sax... a Lua
E um gato miando
No meu telhado

Gilvânia Machado



G(R)ATOS

Gatos sobre muros na rua
Espreitam, silenciosamente,
Os vestidos, as sacolas com sardinha

Gatos no sofá da casa
Abrem frestas nos olhos
Sobre a TV, o homem com o controle remoto

Gatos vigiando a pia da cozinha
Rosnam ao barulhar da faca
Ao cortar o peixe

Gatos, e os ratos?
Ratos constroem muros
Moram na TV, anunciando
Peixe para gatos e homens.

[Lúcia Costa]



Oxana Zaika

OR'AÇÃO

Mamãe,
você sabe o que o papai do céu come?
-Come nuvem e bebe chuva.

Maria Fernanda



"All Cats Go To Heaven", por Pretty Neat Criative.



Gato Amarelo e Flor, de Aldemir Martins

GATO AMARELO & FLOR

Pintor Aldemir Martins

descreve silêncios

usando tinta guache
veste aquarela em bicho preguiça

enquanto um girassol

pensa que é peixe-cachorro

Belchior canta

para o gato Félix na lua

Tânia Lima

GATO NA GARAGEM

Que imensa preguiça!
Um gato se estica
longo, de pelica,
de pluma e pelica.

A noite é de tubos
de rodas e cubos
borracha e aço curvos
em subsolos turvos.

Que noite! uma poça
de sombra na boca.
Cega, se alvoroça
e infla, a pupila oca.

Luminosos manda
seus olhos; verde anda
em luz; anda e nada
e é dono do nada.

A noite postiga!
E o gato se estica
em sua pelica,
em sua pelica.



Os Gatos da Tinturaria

Os gatos brancos, descoloridos,
passeiam pela tinturaria,
miram policromos vestidos.

Com soberana melancolia,
brota nos seus olhos erguidos
o arco-íris, resumo do dia,

ressuscitando dos seus olvidos,
onde apagado cada um jazia,
abstratos lumes sucumbidos.

No vasto chão da tinturaria,
xadrez sem fim, por onde os ruídos
atropelam a geometria,

os grandes gatos abrem compridos
bocejos, na dispersão vazia
da voz feita para gemidos.

E assim proclamam a monarquia
da renúncia, e, tranqüilos vencidos,
dormem seu tempo de agonia.

Olham ainda para os vestidos,
mas baixam a pálpebra fria.

Cecília Meireles

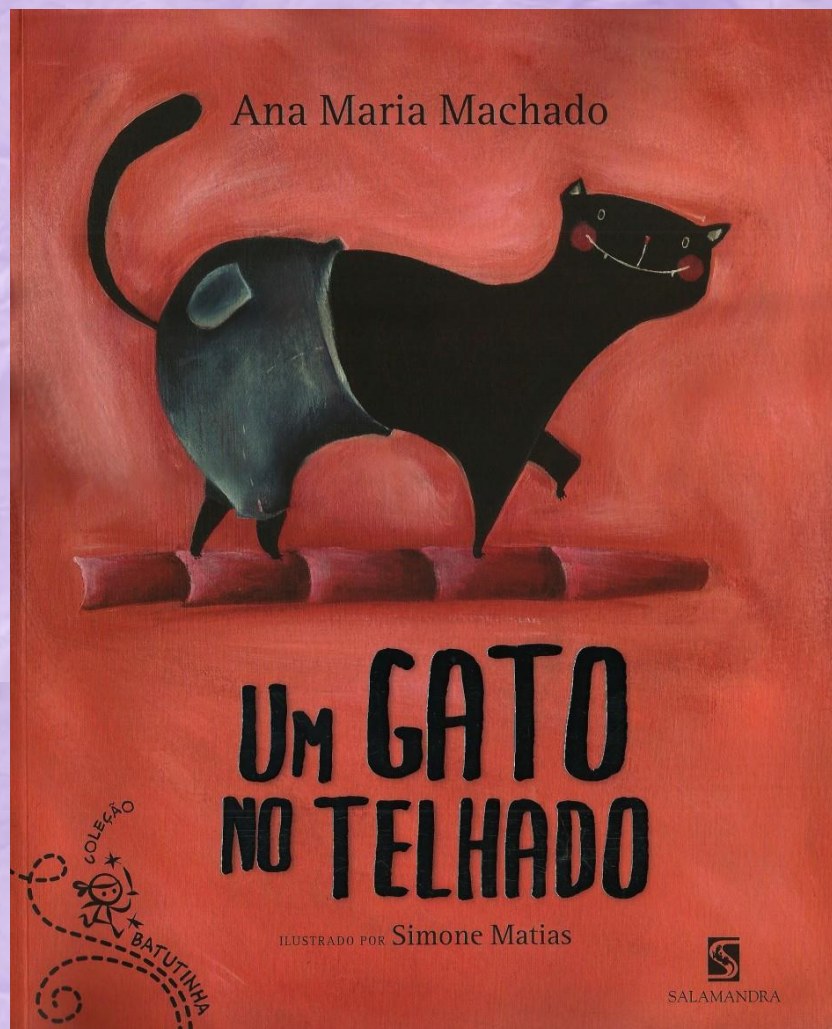


"Ele fixara em Deus aquele olhar de esmeralda diluída, uma leve poeira de ouro no fundo. E não obedeceria porque gato não obedece. Às vezes, quando a ordem coincide com sua vontade, ele atende mas sem a instintiva humildade do cachorro, o gato não é humilde, traz viva a memória da sua liberdade sem coleira. Despreza o poder porque despreza a servidão. Nem servo de Deus. Nem servo do Diabo". Lygia Fagundes Teles



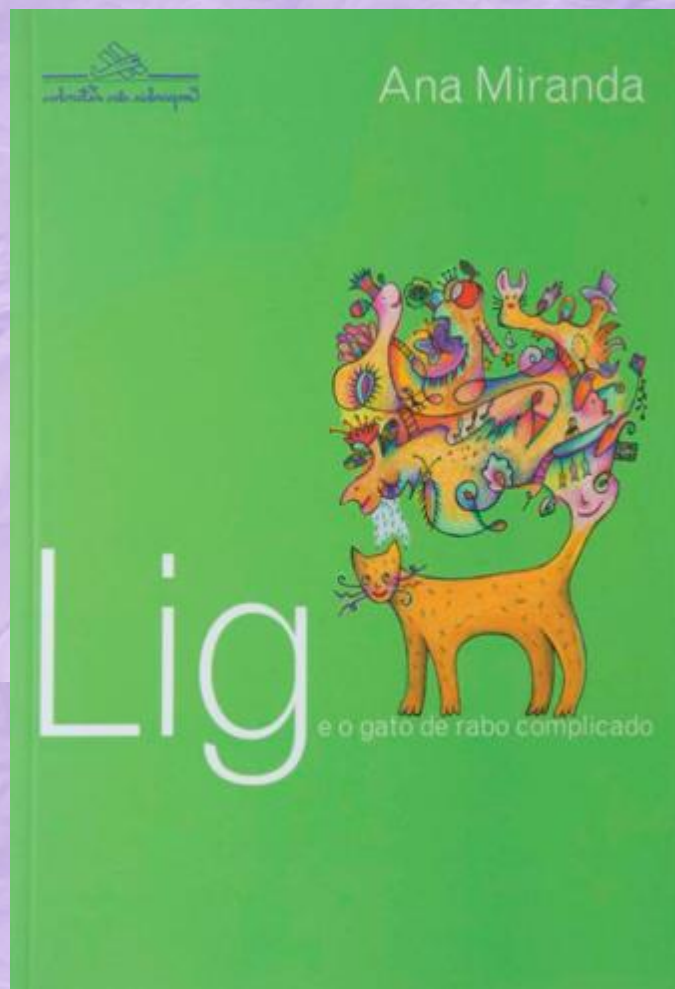


"Caviloso. Essa palavra saiu da moda mas deveria ser reconduzida, não existe melhor definição para a alma do felino. E certas pessoas que falam pouco e olham. Olham. Cavilosidade sugere esconderijo, cave aquele recôncavo onde o vinho envelhece. Na cave o gato se esconde, ele sabe do perigo."



"O gato Renato se fantasiou de índio, pulou, correu e brincou a valer. Até que o gato Vadico o chamou para ir passear nos telhados das casas. Uau, tudo era uma surpresa para Renato! Viram de perto muitos passarinhos, telhados de todos os tipos, chaminés, cata-vento... até a torre da igreja".

Ana Maria Machado



O VELHO E O MAR

Por Valéria Regina Dallegrave

"Os gatos foram colocados no mundo para refutar o dogma de que todas as coisas foram criadas para servir o homem" Ernest Hemingway

Ele chegava e partia pelo mar. E foi do mar que trouxe nossa ancestral, A Gata Matrona das 73 gerações de polidáctilos. Ela foi um presente de Netuno para uma de suas viagens, um agrado para dar sorte. Depois da Boa Ventura da chegada da Grande Mãe, ele pescou peixes enormes, que fizeram ronronar as primeiras gerações, cheias de orgulho, que testemunharam a vida plena do Velho. No porto de refúgio que sempre foi a nossa casa, testemunhamos suas chegadas, odisseias de aventuras e retornos desesperados.

O Velho era todo marés, não se continha em si. Na maré baixa era tranquilo, silencioso carinhoso. Muitas vezes concentrado em escrever ou agradecer à Velha, as crianças e aos amigos. Brincava, distribuía abraços e afagos com as marolas suaves do riso frouxo. Ele ronronava.

Nas marés altas, porém, era furioso, violento, intempestivo. Arrastava pessoas e coisas em meio a um redemoinho de acusações e gritos, até se render à ressaca na manhã seguinte, o pior vazio, quando nem sequer podia reconhecer a si mesmo.

Era quando se aproximavam os Gatos Escolhidos, cuidadores e curadores. No vazio, ele não queria ninguém por perto, aceitava apenas nosso aconchego. Curamos sua alma muitas vezes para que atravessasse o grande vazio. Acolhíamos acolhendo-se até seu coração se acalmar e ele sentar em frente à máquina de escrever para batucar melodiosamente as teclas, com a música que embalava nossos sonhos com pássaros do quintal.

Ele mesmo não sonhava. Tinha pesadelos que o faziam acordar dentro de navios fantasmas. Dormia pouco. Seus olhos eram cobertos, a semelhança de nós, gatos, por uma membrana extremamente sensível à luz. Talvez fosse por isso que precisava assistir ao nascer do sol todos os dias. E quando via o sol surgir sabia que era de dentro dele que brotava a luz a iluminar o mundo. Por isso precisava alimentar a escuridão na véspera de cada amanhecer...

Eu nasci muito depois do Velho partir pela última vez, mas sei que ele se orgulharia de mim. Sei que admiraria a beleza e a elegância com que observo, silencioso e levemente sonolento, as horas quentes do dia. E eu caçaria para ele

uma borboleta dourada, o supremo troféu do ar, assim como eram, os peixes majestosos que trazia para nós, troféus do mar.

Se ele voltasse mais uma vez, eu sei que lhe daria o equilíbrio necessário para evitar as tormentas e não perder-se nas correntezas profundas. Eu diria a ele, com meus bigodes sensíveis, que há muito mais flores do que armas, e nossa revolução nunca será derrotada, porque ela traz à tona a parte mais nobre da alma humana.

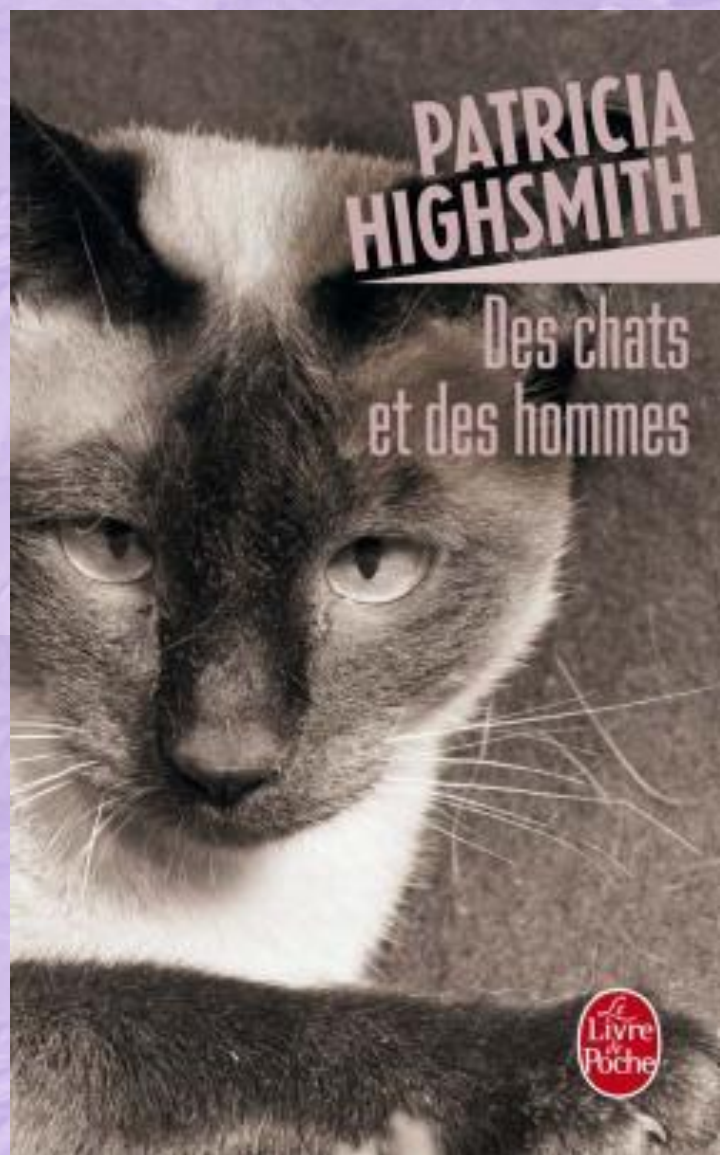
E se, mesmo assim, se agitasse inconsolável, eu seguraria firmemente sua mão com a minha e ele cairia na gargalhada ao contar meus seis dedos e me chamar de Gato da Sorte, como chamava carinhosamente a todos os polidáctilos da família. Eu seguraria sua mão com a minha, antes que puxasse o gatilho. Eu, o gato primeiro da septuagésima terceira geração de polidáctilos, seria o espelho definitivo em que ele se encontraria. A inspiradora ternura das marés baixas prevaleceria sobre a turbulência das cheias. Eu, o Gato Hemingway, seria o seu filho e o seu pai, e o curaria da angústia de ser humano. Mas cheguei tarde demais...

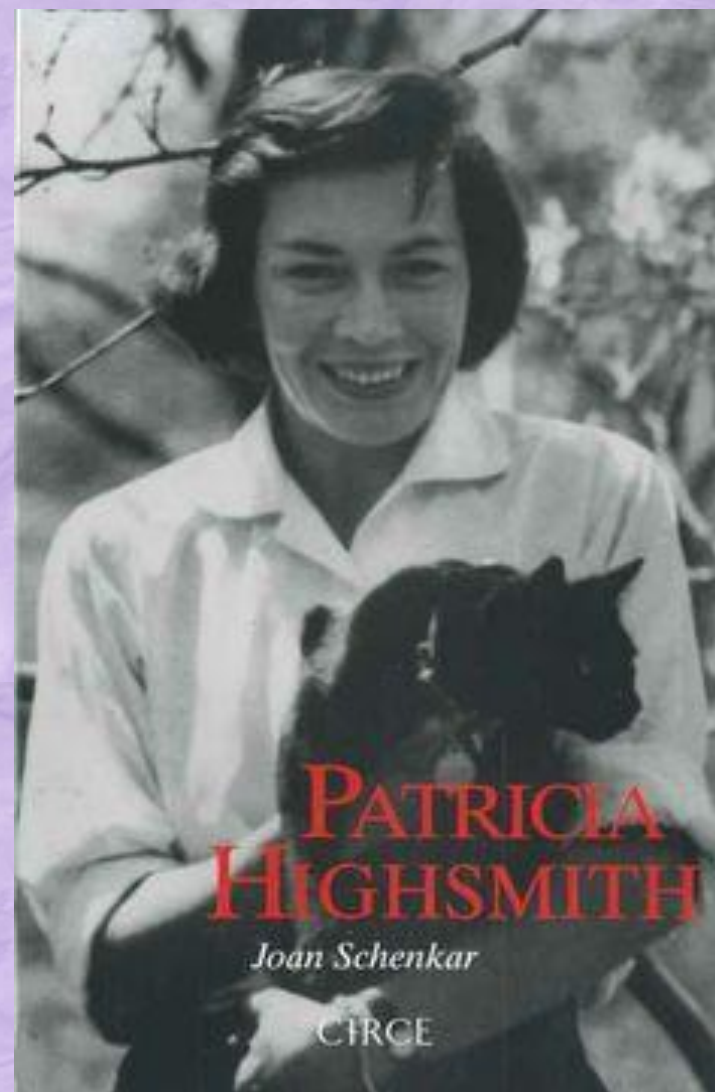
* Após a morte de Hemingway, sua casa em Key West foi transformada em museu que preserva inclusive os gatos, descendentes diretos dos felinos que viveram com o escritor. Estes gatos carregam uma anomalia genética

que faz com que tenham seis dedos ou mais, conhecida como polidactilia. Foi mantido o costume, iniciado pelo próprio escritor, de dar a eles nomes de pessoas famosas.



Foto reprodução de Ernest Hemingway





"Pé na terra, olhar por todas as filigranas de verdes, cheirar as flores. Deixar que as texturas do vento, desarrumem todos os tecidos da pele e seus contornos. Abraço nos cachorros, afago nos GATOS Contemplação de passarinhos e sorriso com o saltitar das pererecas. Folhas brancas amassadas, rasuradas. Concreto. É lento, refletido, doído, solitário o percurso de tentativa de equilíbrio".

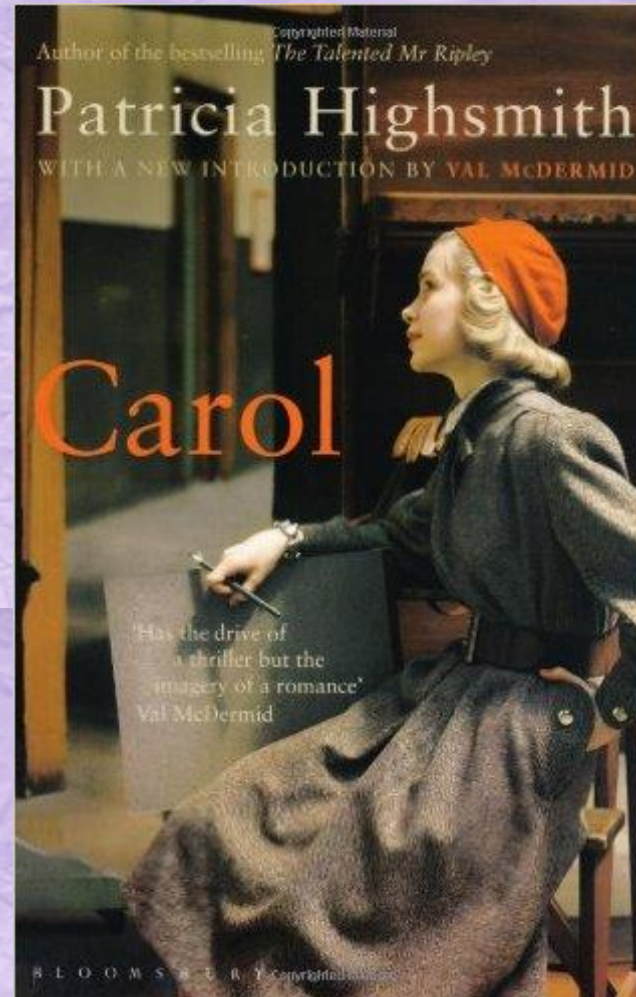
PATRICIA HIGHSMITH





Patricia Highsmith
Zeichnungen

Diogenes





O coraçãozinho rosa de Ravel

Daniela Aragão

Deixei que algumas semanas transcorressem até que meu aguçado encantamento pelos felinos me trouxesse de volta à escrita. Agora são sete e meia da manhã e há cerca de meia hora fui acordada com patinhas e miados pelo trio Garfil, Ravel e Capitu. Hora do café da manhã. O mais saboreado é uma ração tipo *premium*, em formato de bolinha com sabor de carne. O famoso ditado diz que peixe morre pela boca, felinos possuem sete vidas e então gastam, preciosamente, cada uma delas.

Observo que comem com satisfação até o último grão e utilizam de todo o charme possível para nos convencer de que o café da manhã, o lanche ou o jantar sempre são insuficientes. A turminha aqui de casa já descobriu uma maneira de escalar o espaço, entre a pia e a geladeira, para alcançar o grande pote de ração, que antes se encontrava bem posicionado numa prateleira da cozinha, ao lado da geladeira.

Uma madrugada eu acordei com um estrondo e

levantei-me para ver um cenário, tipicamente, feliniano:
o trio de assaltantes noturnos consumia o

grande pote derramado sobre o chão. Claro que, com seus olhos verdes e profundos me fixando com sedução hipnótica, todos eram inocentes.

Ah, os gatos e suas façanhas e mistérios que seduzem pessoas há milênios. Hoje, dedico-me a tentar discorrer um pouco sobre Ravel, que conheço desde o ventre de sua mãe, Capitu. Numa ninhada em que três filhotes nasceram plenamente saudáveis, encantei-me de imediato por um gatinho que era, praticamente, igual à mãe, em seu duo de cores cinza e branco. O que, primeiramente, mais me chamou a atenção foi o formato de seu crânio, um pouco mais quadrado, trazendo a evidência de olhinhos muito puxados compondo uma belíssima harmonia de traços. O focinho era quase inteiramente rosado, mas entrevia-se uma espécie de contorno mais escuro, que com crescimento de Ravel transformou-se num delicado coraçãozinho.

Silvino e Wilany, um casal de amigos que veio me visitar logo após o nascimento, perguntou-me se eu iria ficar com o “filhotinho da cabeça bonita”. Não estava ainda convencida de que iria criar uma família, mas fui me certificando a cada dia de que Ravel permaneceria

para alegrar e enobrecer a casa. Sua irmã, que não tinha o mesmo destacável formato craniano, mas era também revestida por pelos brancos e acinzentados, ganhou o nome de *Pina*, em homenagem a bailarina alemã Pina Baush. Pina tornou-se filha da bailarina Luzia Amélia e preciso saber mais notícias para compartilhar com os leitores. O outro irmãozinho, todo mesclado, foi doado para duas senhoras, infelizmente, desconheço seu nome e a nova moradia.

Ravel já é um adolescente, com quase oito meses de vida. Os apelos hormonais e a inquietude o levavam a escalar as cortinas tal qual Tarzan, e subir no alto do varal como equilibrista deslizando entre toalhas e roupas, para formular um golpe de fuga. Levei-o para ser castrado. Embora o processo de castração nos machos seja, aparentemente, mais fácil e rápido, o rapazinho voltou jururu para casa. Confesso que me senti triste e pesarosa ao vê-lo andar pelo chão arrastando as pequenas bolinhas que haviam restado, murchas, pela retirada dos testículos. Macho é macho em qualquer espécie.

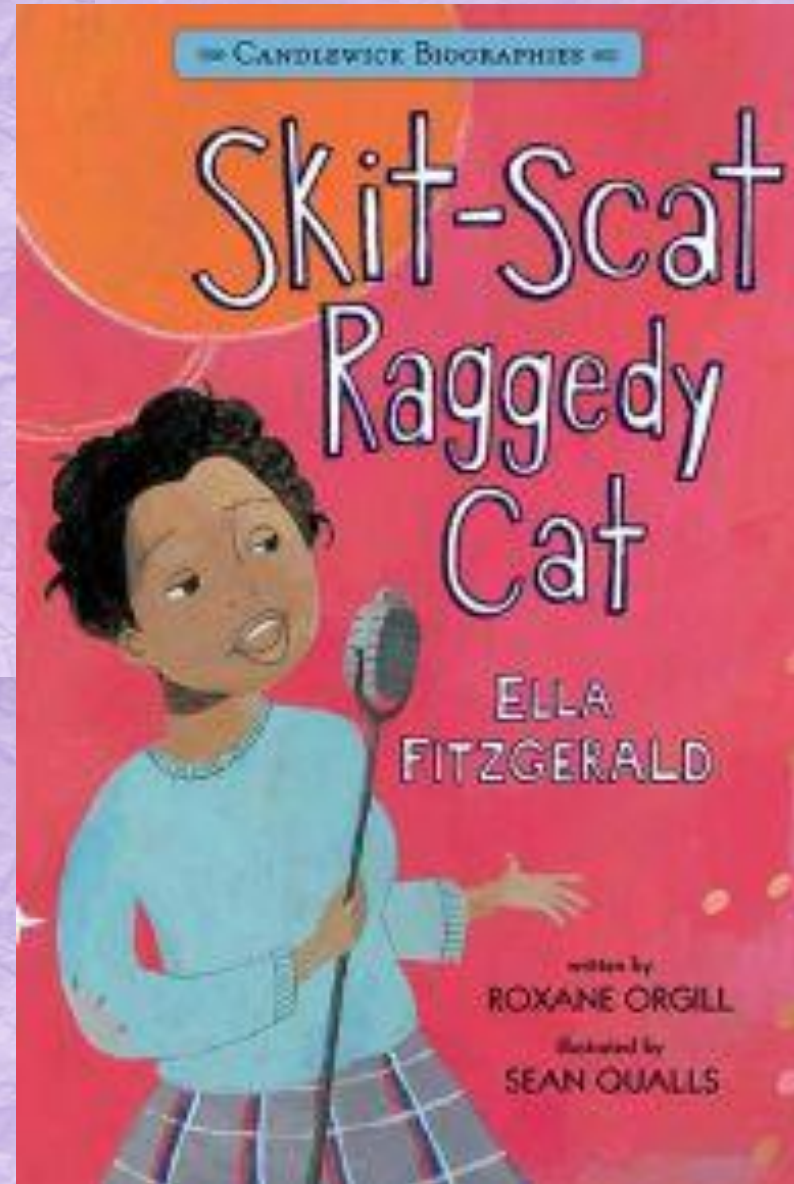
Tive receio de que Ravel perdesse seu entusiasmo e suas peraltices, mas esse abusado gatinho, às vezes, quer matar alguma recôndita e indecifrável saudade de sua encarnação como trapezista e sobe no estreito varal entre a pia e a janela e caminha minuciosamente com suas patinhas agarrando o fio de nylon.

Nenhuma mãe gosta de dizer que tem um filho preterido, mas abertamente revelo que Ravel é meu xodó. O companheiro mais fiel e que está sempre ao meu lado quando me posto diante da mesa para estudar. Estica seu corpinho todo e coloca a cabeça sobre os livros, como se fossem confortáveis travesseiros. Não me cansa de surpreender, de comoção, quando começa a solicitar carinho abrindo sua barriguinha e alternando posições para que eu massageie todos os lados do seu caloroso e peludo corpinho. É sonolento como todos os felinos, mas aprecia a noite com vivacidade e acuidade. Ora sozinho, ora com o irmão de coração e a mãe, posiciona-se na banquetinha branca de frente para a janela e fica contemplando os mistérios da noite e as vizinhas que passam. Músicas instrumentais e clássicas o deixam calmo e introspectivo. Ainda não lhe apresentei ao grande músico francês que lhe inspirou o nome. Então, fica para a próxima o Bolero de Ravel.

Entre os fios do bigode que miram todo o possível espaço, um coraçãozinho rosado sente o cheiro do ar.



CATJAZZ





Nina Simone



Janis Joplin



Rita Lee



O sorriso do gato de Alce



Gal Costa



Amy Winehouse

*fungo que sou
minh'alma derrete
no último soul*

Cellina Muniz



Gatasgrafites



Sofia Fische



Loïs Mailou Jones,
in her Paris studio,
1937 ou 1938



Edwin Longsden Long - The Gods and Their Makers



Deusa Bastet do antigo Egípcio - no British Museum

A veneração dos egípcios pelos gatos não era
nem tola nem infantil. Por meio do gato, o
Egito definiu e refinou sua complexa
estética."

Camille Paglia

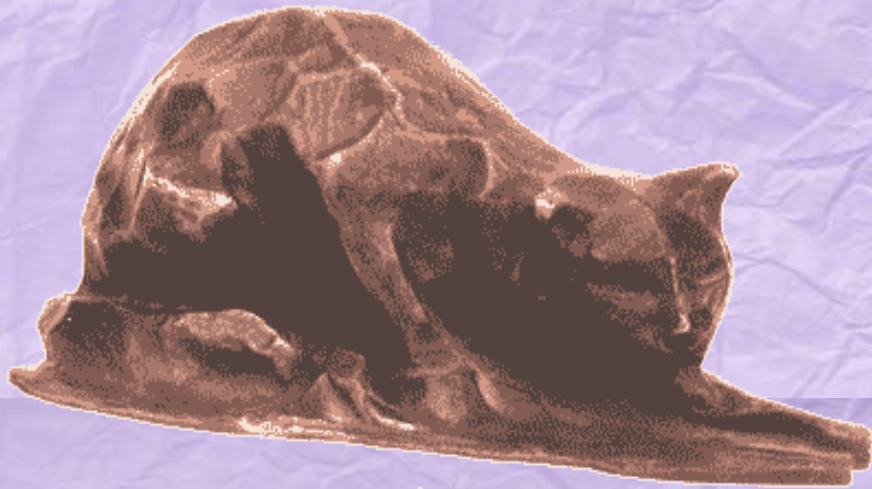


300 mil gatos egípcios foram mumificados
em louvor à Deusa Bastet



Na Cultura celta, a deusa Cerridwen tem uma ligação forte com o culto relativo à fecundidade. Taliesin traz a representação de um gato com a cabeça sarapintada.





Camille Claudel

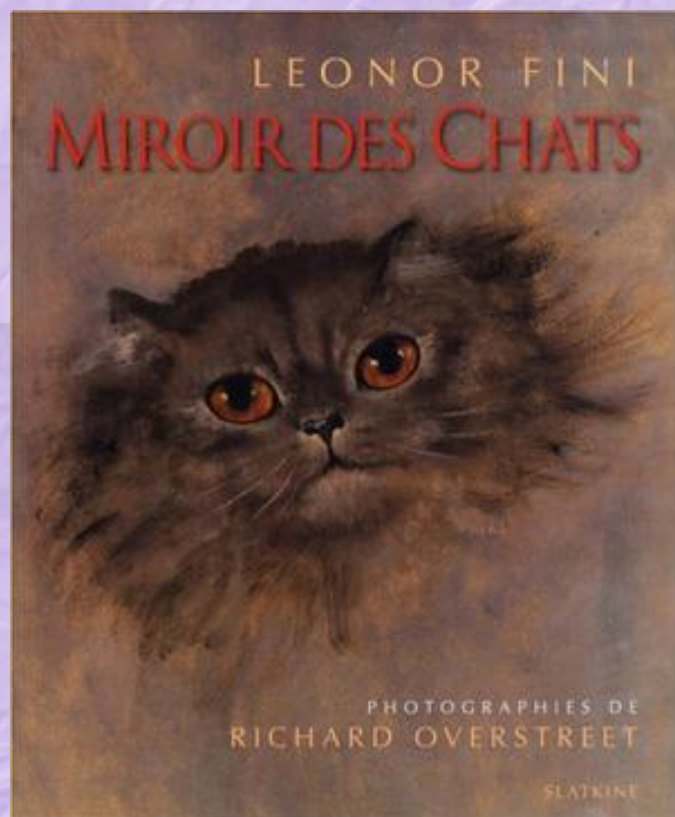


Louise Peterson





LEONOR FINI

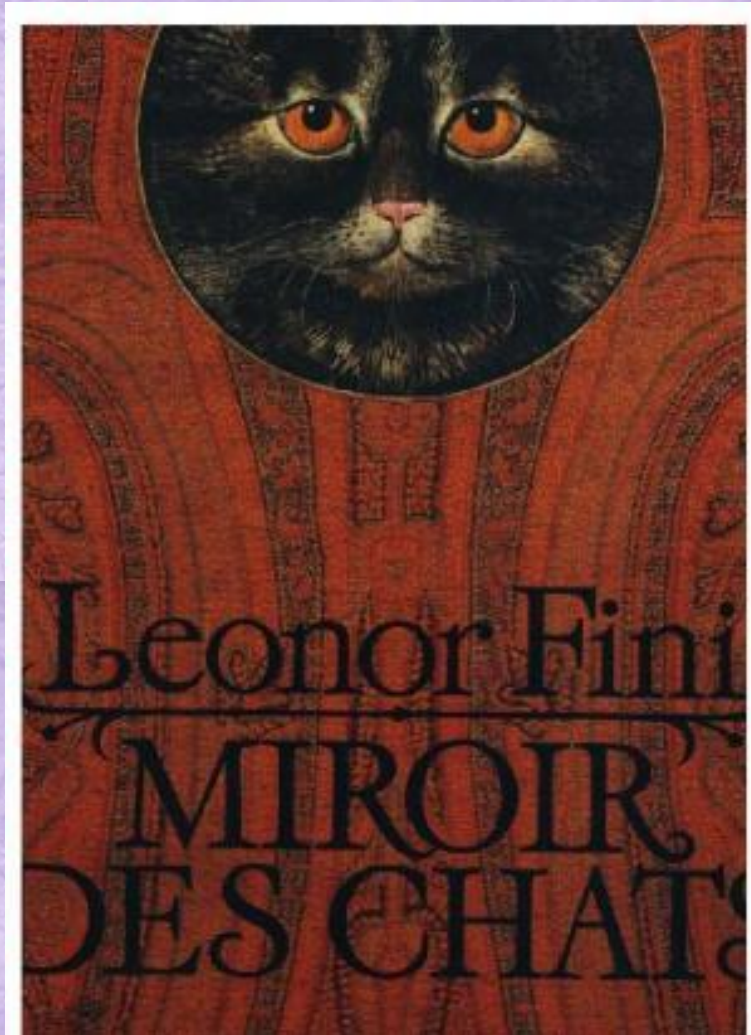


Leonor Fini
dois gatos





Leonor Fini



Evelyn de Morgan



Eleanor Fortescue Brickdale



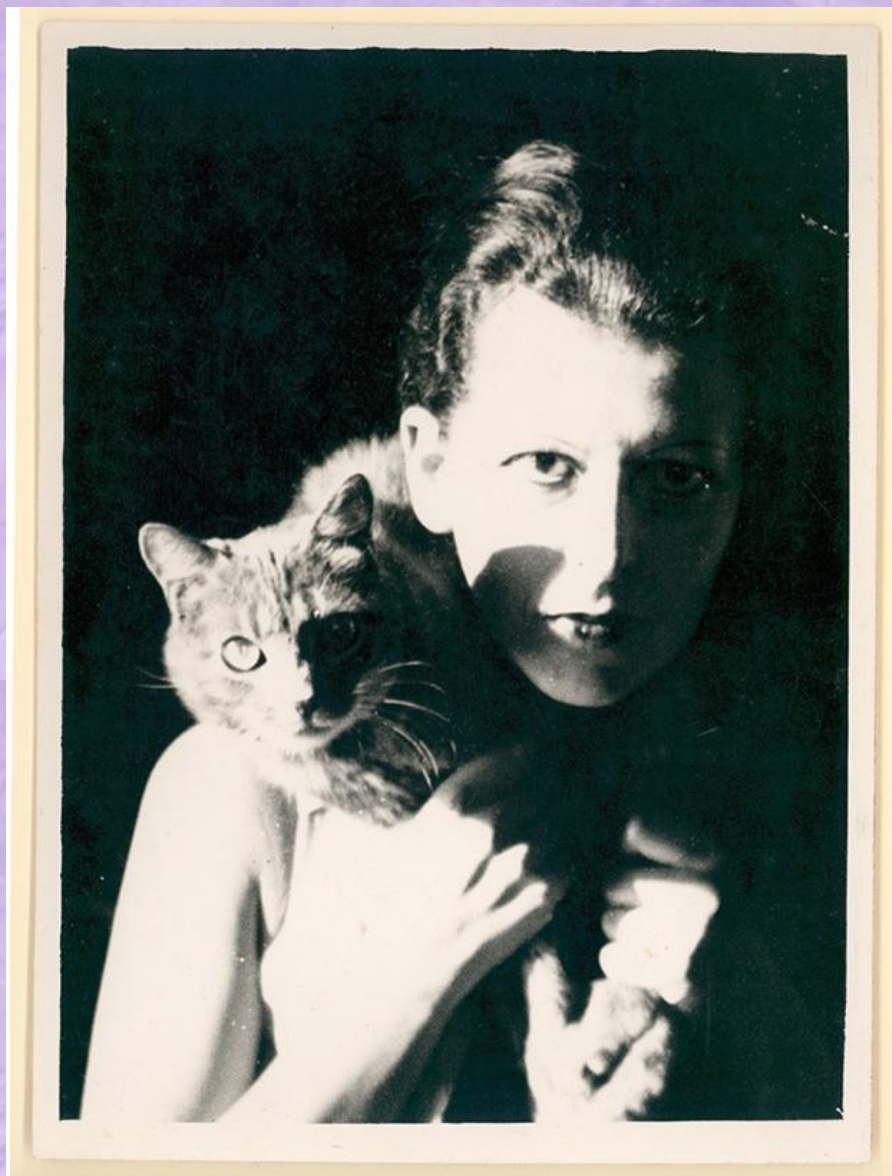
"A little girl hangs three Siamese kittens on a washing line in a garden in Croydon, London, 1931".

<https://www.tumblr.com/search/white%20siamese%20cat>



Georgia O'Keeffe





Claude Cahun
fotógrafa e escritora francesa

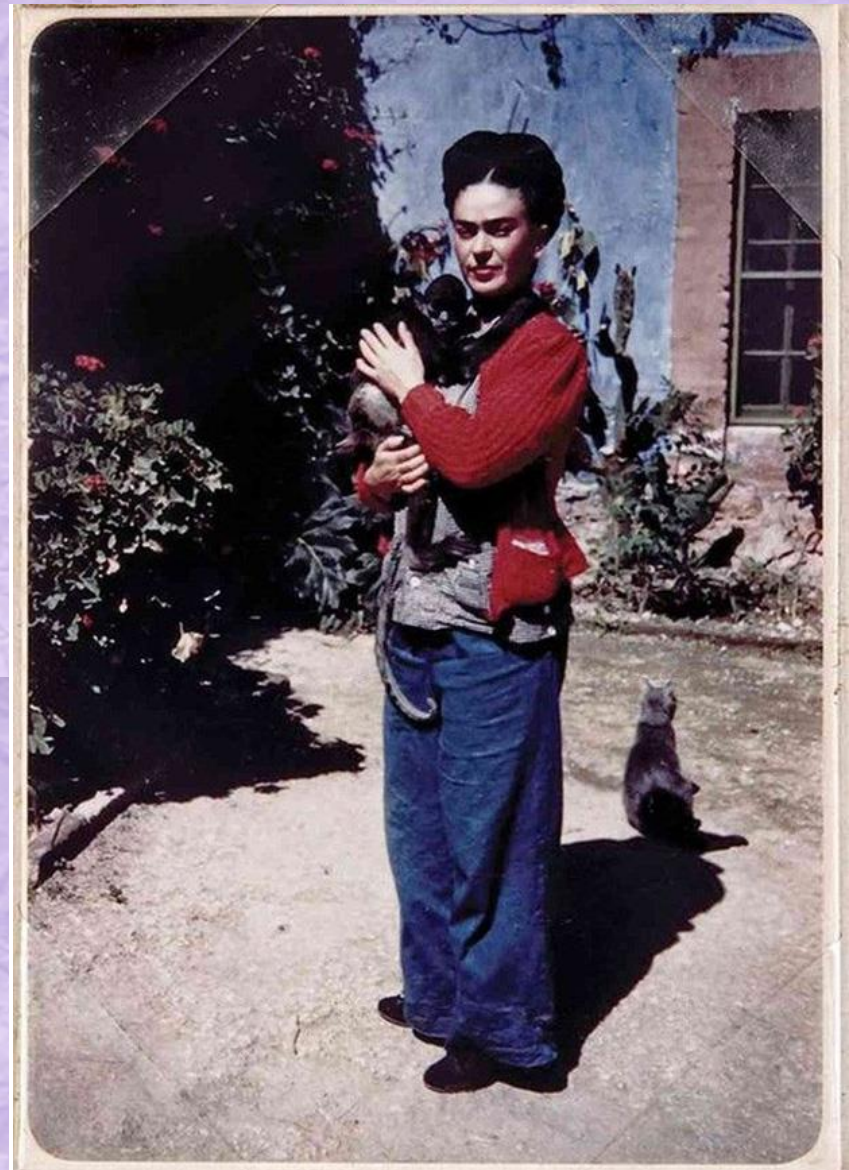


Claude Cahun





Frida Kahlo



a Gata

Vânia Vasconcelos

Sempre será um mistério como se entrelaçam histórias que não nasceram para se cruzar. Algumas, ajustam-se de tal modo, que é como se tudo já estivesse ali programado. Algum deus menino rir-se da coincidência e joga dados que nos embaraçam ou alguma hábil tecedeira lá das constelações mistura linhas e borda o tecido, monta a trança, teia.

Acordara com preguiça de viver. Três horas depois ainda segurava a xícara de café preto diante da janela. O dia insuportavelmente perfeito. Não tinha desculpas. Teria que fazer as fotos prometidas para a revista. O parque em frente à sua casa colorido de gente. Ao menos entraria algum dinheiro. Devia buscar imagens de pessoas se exercitando para uma matéria sobre novas modalidades de ginástica de rua e, se conseguisse, de casais ao longe para a crônica melosa da comunista mais lida. Planejava um bom domingo nublado de cama e computador, mas como se diz por aí, fazemos planos e os deuses gargalham.

Vencida a inércia e a pequena distância da rua, instalou-se em um banco afastado, numa pequena pracinha como um refúgio no movimento do parque. Ali podia divisar, numa confortável distância, o espaço amplo onde alguns grupos se reuniam em pequenos piqueniques, o caminho esticado arenoso por onde passavam ciclistas e caminhadores matinais e, ao longe, a pista de corrida e um espaço onde grupos se exercitavam.

Pensou em aproximar-se mais. Calma, tem tempo, ainda não. O banco em que se sentou ficava num plano um pouco mais alto, facilitando a escolha que faria depois para aproximar-se de algum grupo. Próximos, apenas os outros três bancos da pracinha isolada. Fingiu regular a máquina para olhar pelos cantos os que estavam mais próximos, que eram poucos. Isso era bom, ela gostava. O exercício da fotografia lhe deu dissimulação, concentração, imaginação, educação estética e gosto pela solidão. Só ela decidia o que fotografar, como, no que transformaria a imagem escolhida através do ângulo, da perspectiva, além de lhe dar uma desculpa profissional para bisbilhotar e editar o mundo ao seu bel prazer. Era uma artista voyeur e lhe pagavam para isso porque suas fotos eram boas como um bom texto.

A gata lhe chamou a atenção logo que surgiu. Não era uma gata pequena, nem comum. Tinha pelos longos e rajados entre o cinza e o branco, olhos verdes, elegância felina nível dez. Certamente fora cuidada e alimentada por alguém, não andava atrás de alimento, não se aproximou da moça dividida entre o pacote de biscoitos e o livro. Em nenhum momento duvidou que fosse uma fêmea, nem discutiria isso. Subiu no único banco vazio, espreguiçou-se e ocupou-o com majestade, cruzando as patas como quem espera aplausos. Estava posando para a foto? A fotógrafa vacilou e resolveu esperar. O que aconteceu em seguida fez com que ela desejasse que alguém tivesse filmado para que ela pudesse então comprovar que tudo não era fruto do vinho bebido na noite passada, nem da sua imaginação doente por fantasiar imagens. Olhou para os lados, buscou testemunhas, mas só ela viu que a gata se exibia e flertava com a moça do banco em frente. Lina, a fotógrafa só reparou no casal, do qual a moça fazia parte, porque

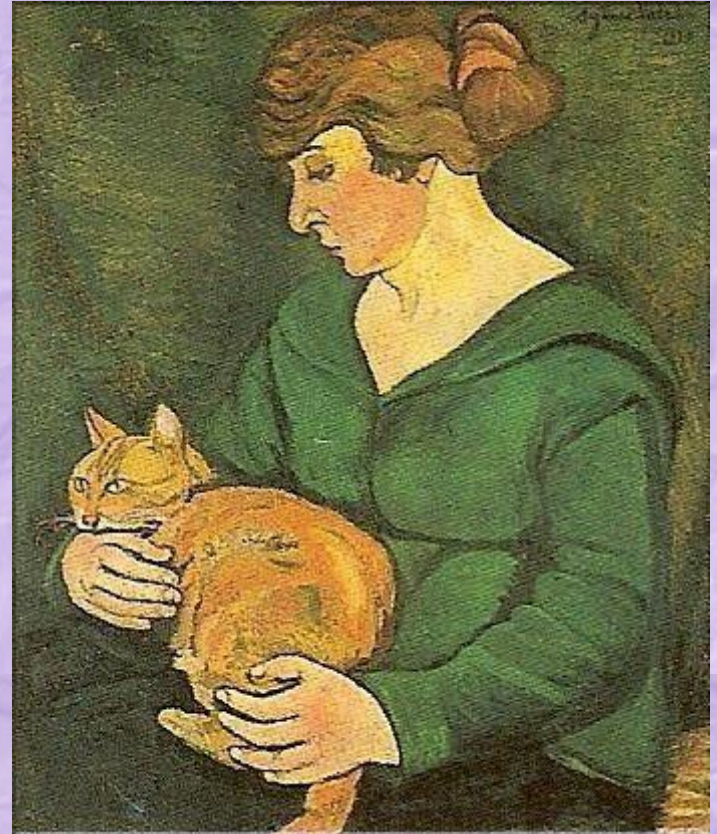
a gata o fez atentar para o que acontecia. Era um casal tão insípido que não lhe atrairia a lente, mas o que acontecia ali, sim.

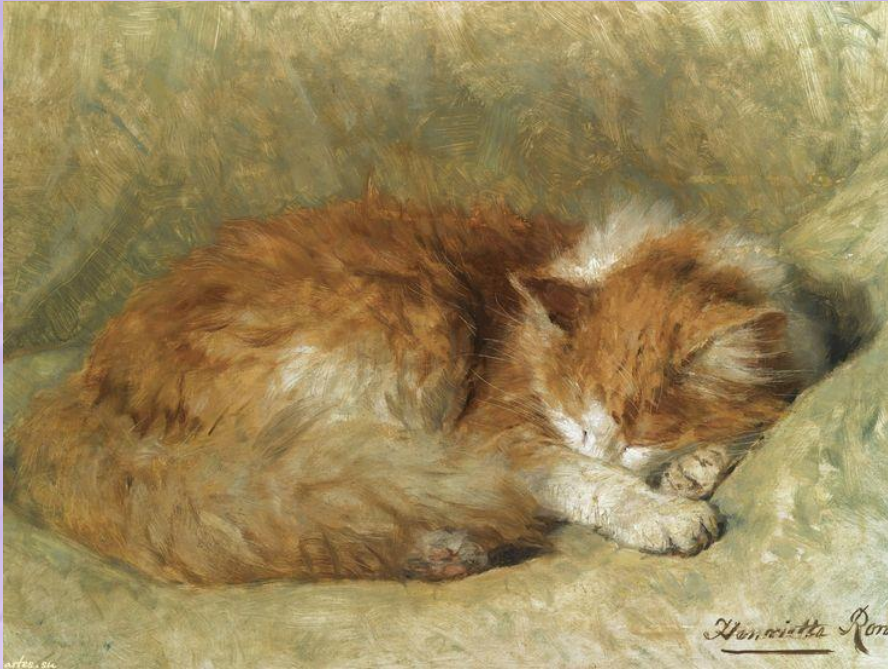
Havia um desentendimento. Desses que ficam remoendo coisas que não estão ali. Chegou a pensar – mas são tão jovens – bobagem! Quem é jovem demais para ser ferido? Quem é jovem demais para a decepção? Ele fazia um discurso longo, contrariava-se, voltava a ficar calmo, fazia perguntas e a moça, a princípio respondia, parecia ausente, mas voltava a olhar para ele, esboçar um sorriso. Tudo mudou com a chegada da gata. Aos poucos, a moça fixou-se nela como hipnotizada. A gata exibia-se, esticava-se e mudava de pose, rainha do Egito, parecia sorrir. Lina sabia que a moça já não escutava o rapaz. Ela já se fora, ela também, rainha, na sua liberdade repentinamente apreendida num domingo solar. Esticou braços e pernas, imitando sua mestra e sorriu. O rapaz nada entendeu, mas Lina preparou suas lentes, feliz, quando as duas levantaram-se, abanando supremamente seus belos rabos majestosos.



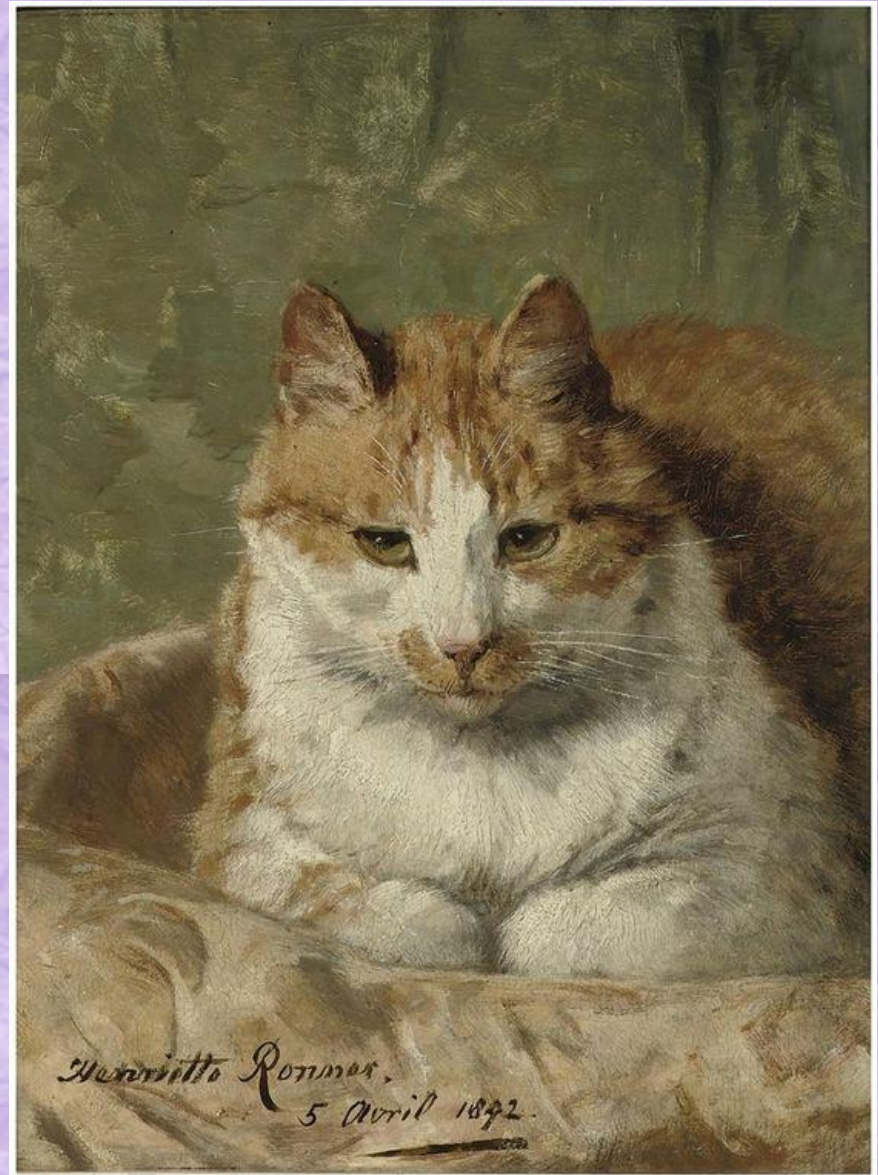


Suzanne Valadon





Henriette Ronner



Guarda noturno
Solitário
só a lua campanha
os sussurros da noite
e seus passos lentos
tudo veste negro
O apito
sibila e avisa
o branco do olho do gato
e espreita a cada esquina
o perigo não tem rosto
roça quente a língua do abismo...

Mara Faturi



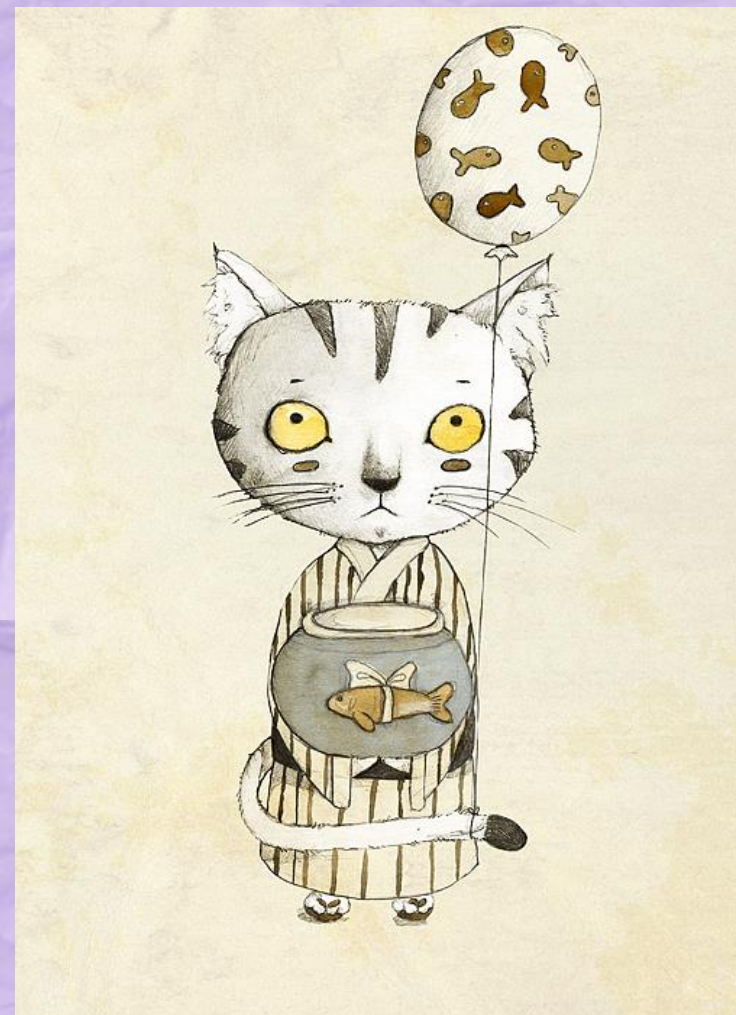
HAICATS

Felina
se enrosca e geme
na claridade do dia
Gata mia...

Primavera
a gata amarela
Ex...preguiça

Dias nublados
o azul silencia
Até o ron ron dos gatos
é diferente nesses dias...

Mara Faturi

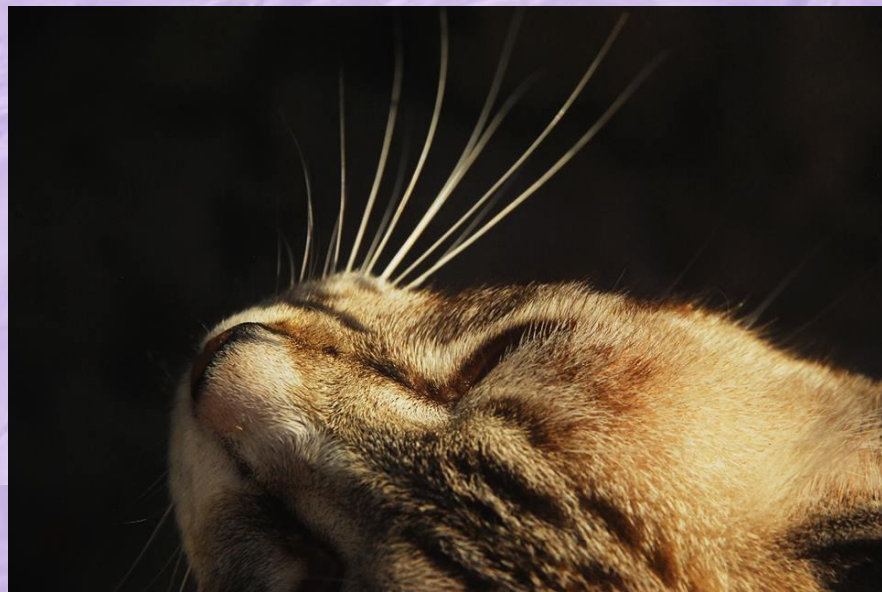


Judith Loske



Carole King





Fotografia: Amanda Macêdo

Deuses astronautas da terra daqui

Bárbarah Alves

No universo cubicular, uma luz rompia a escuridão.

Dois faróis cor de âmbar caminhavam silenciosamente em minha direção

Seriam planetas extragaláticos?

Uma semana havia passado e o retrato era o mesmo:

Drágeas rolando os azulejos, LPs da Ângela Maria

A luz do cabaré já se apagou em mim?

Zunidos nos ouvidos, vozes na cabeça, ansiedade no peito

Políticos na TV, corte de gastos, desigualdade crescente

O mundo que conhecemos está perdido, não está?

Eis que

miau!

A dor

passou.

Cinco

minutos

massageando

meu coração

Até que

a tijela

estivesse cheia

de *Wiskas*.

movimento contemplativo

olhando pro abjeto
que de mim está perto
pra ver a cara
que tem
o avesso

quando dói
como epiderme

epicentro
do rabo do gato

equilíbrio em gravidade
sem

equilíbrio em salto
alto
e além
chão

renata pimentel



Vanda Gag

residência

nesta casa
existe o feliz:
nela moram
duas gatas

nesta casa
habita o mato:
nele moram
minhas horas de olhar

nesta casa
habita a invenção:
nela moram
os versos em que pasto

renata pimentel



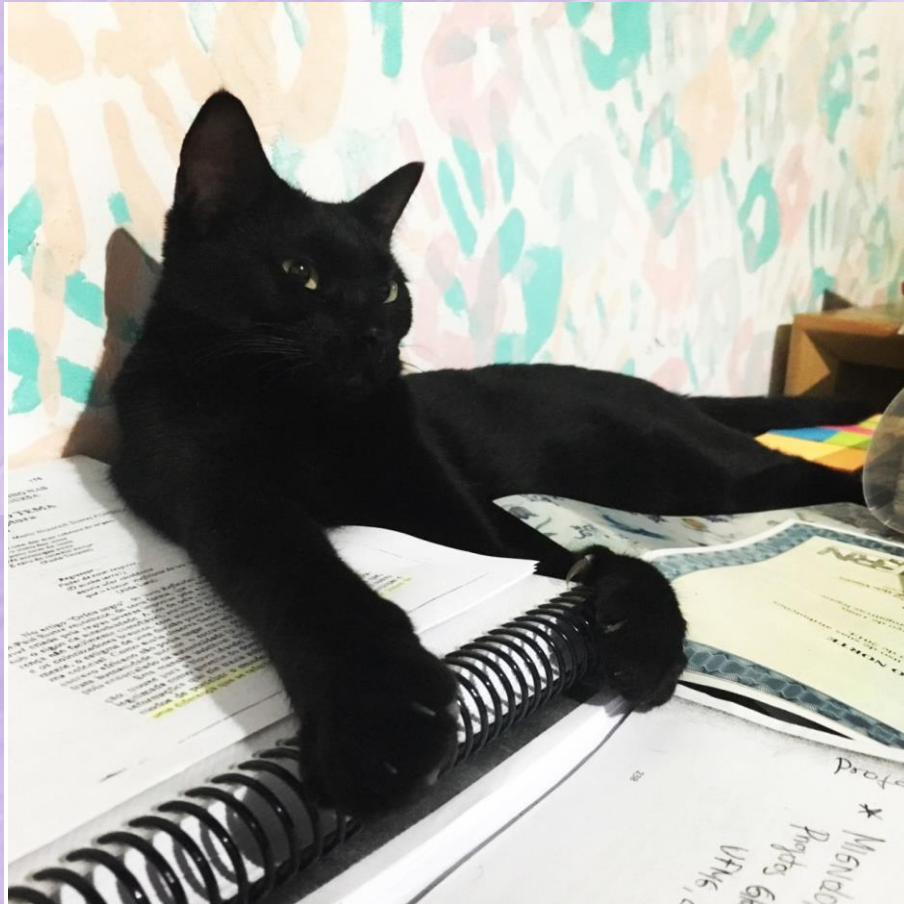
Chico - fotografia de Marina Barros

cosendo coisa nenhuma

hoje conversei com minhas
gatas
e concluimos:
a vida é coisa
o melhor é
ficar em casa
sendo
gata na rede
nada tecendo

renata pimentel





Escrevendo tese sobre Chimamanda Ngozi Adichie:

"A felina de uma história única, que perigo..."

Thayane Moraes

Miar Noturno

Enquanto durmo, as palavras escavam
reivindicam
lugar dentro de mim.
Se eu não acordo
e digo que sim
elas entram mesmo assim,
me acordando
me arranhando.
Minúsculos gatos indestrutíveis.

Clara Cruz



Pieter.de

<http://ideiasgreen.blogspot.com.br/2012/06/20-fotos-engracadas-de-gatos-dormindo.html>



sonhosfelinam

Ter nas pessoas
a confiança dos gatos,
que fecham os olhos
e esticam o pescoço,
na certeza do carinho
[Leila Mícolis]





fuga dos gatos

Saltam em varas

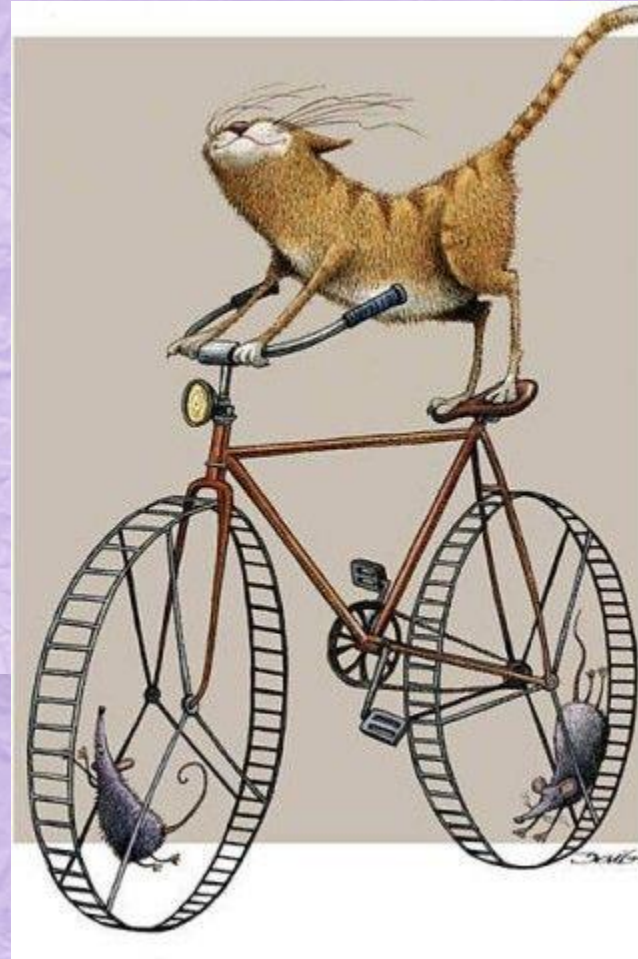
felinas acrobacias

esparramadas no azul pisciano

mistério se azagaia

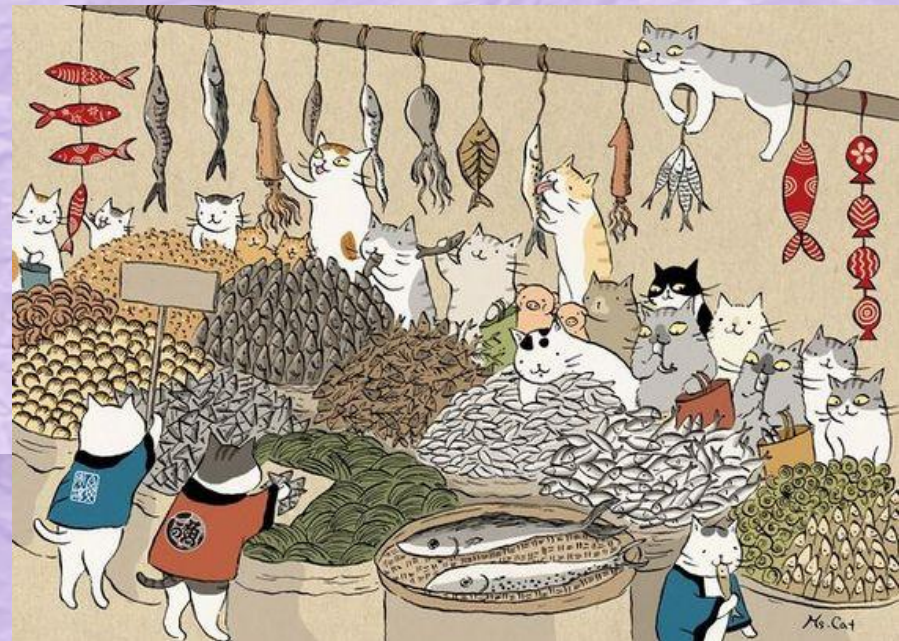
libélula ou borboleta?

Tânia Lima



Algo a aprender
com humanos?
Que tal fritar peixes?

Fernanda Meireles



Sarah Wang - ilustradora Japonesa

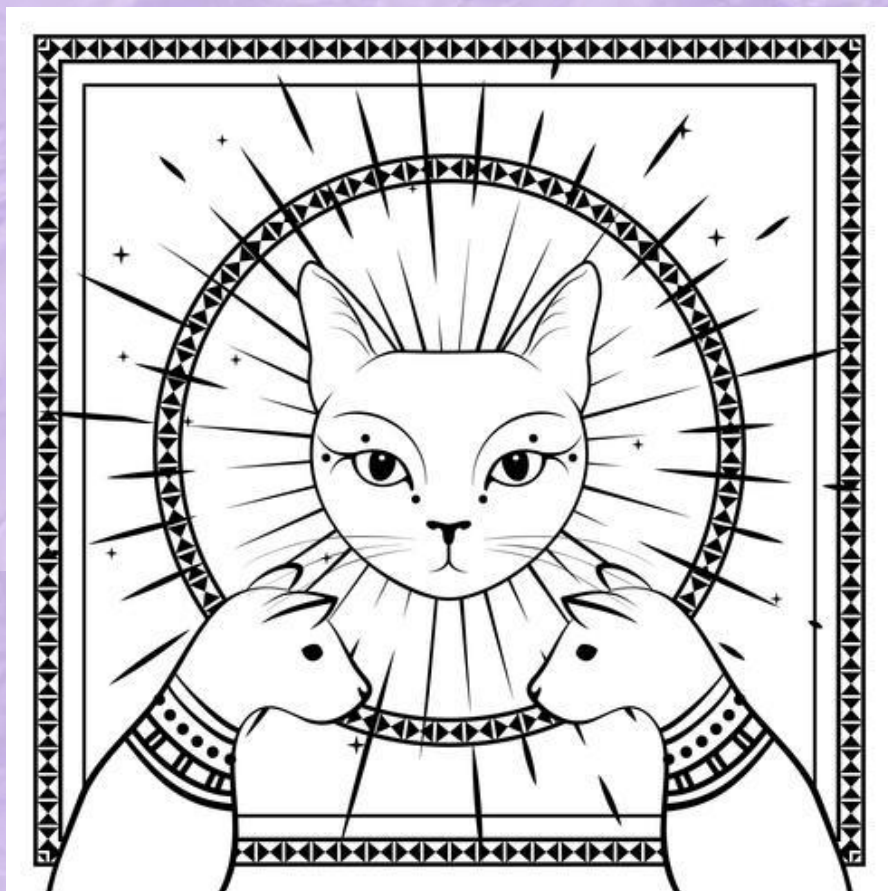




Num desses andeios cansados para cidade, um perigo de chuva ameaçava o tempo. Um ar de pânico nos passos para os atrasos ansiosos do mundo. A cidade com suas luzes e trânsitos, enovelada pelo vento frio. A cidade, um corpo de luz em movimento. Um corpo de estranhos com pressa a girar entre dias e noites. Mas no largo abandonado, no vão, naquele poço onde os humanos avolumavam seus rastros, os gatos se recolhiam para além da montanha de lixo. No topo dela, conjugados numa única bola de pelos, eles quebraram a dureza com a candura clandestina. Os gatos revolucionam o olhar daquele dia. Para mim, estão para sempre parados naquele tempo habitado por nada mais do que o pleno estado da poesia.

Isabela Coelho





GATAS *Fellinis*



Dercy Gonçalves

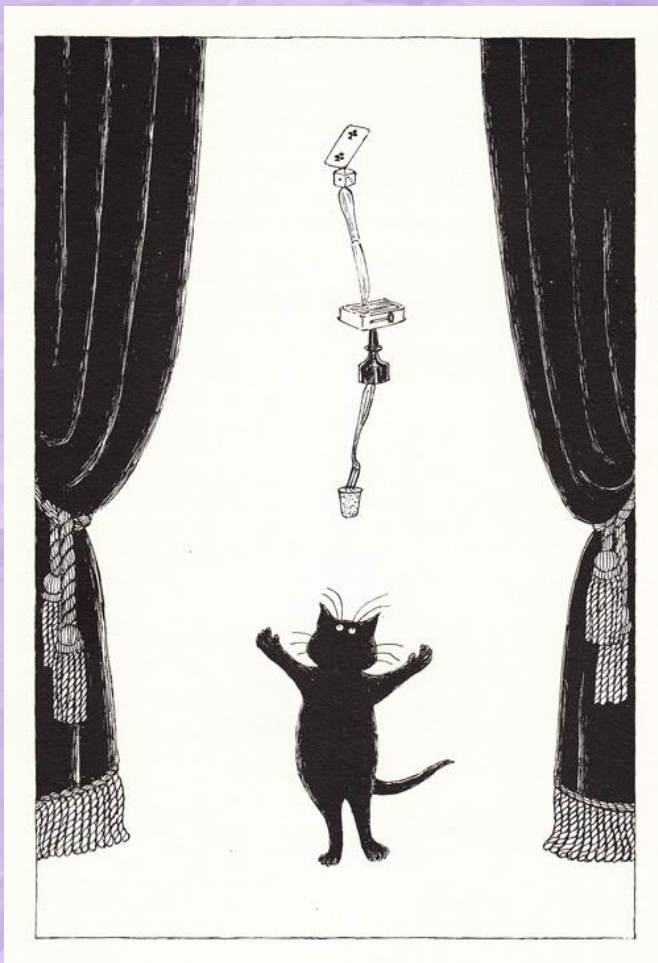


ilustração de
Edward Gorey



Whoopi Goldberg





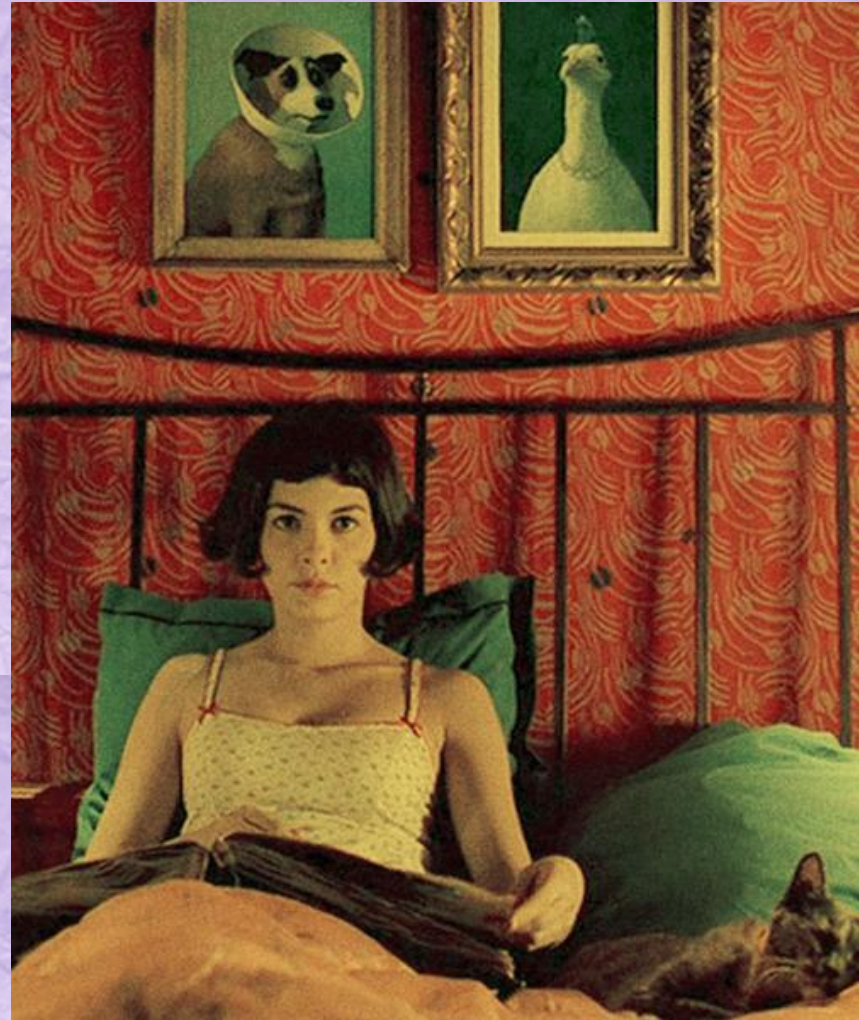
Henry Bedwell



Leandra Leal



Isabelle Huppert



Audrey Tautou



Penelope Cruz



Anita Ekberg - *La dolce vita* - 1960



Audrey Hepburn & Orangey



Catherine Deneuve



Marilyn Monroe



Jane Fonda



Ann Rutherford



Elizabeth Taylor



Dolores Del Rio



Juliette Binoche



Josephine Griffin



Jean Simmons



Jean Seberg



Marlene Dietrich in one of her earlier German-made films, "Schiffe der Verlorenen Menschen" ("Ships of Lost Men"), which was filmed in Berlin by Maurice Tourneur, who used to make pictures in this country. This was Miss Dietrich's first leading rôle.

Marlene Dietrich



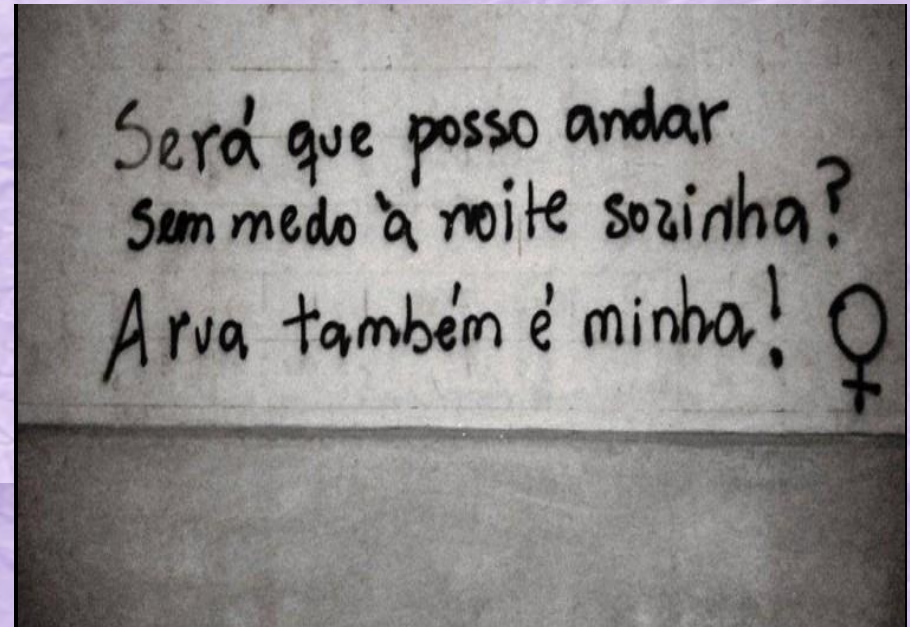
Marta Orlowska



Ingrid Bergman &
Gregory Peck



Fanny Ardant





GATO HOSTIL

Ah esse vilão que me toma
me enrosca, me sufoca, me doma
Me anima vê-lo chegar, não devagar
quero dose do seu veneno, quero me engasgar

Venha, seu maldito!

meus gemidos sufocarão teu grito
Não hei de sobreviver à esta prisão
chamo teu nome, me invade , anti-solidão
temo que sejas enforcado
não respeitas meu querer, és malvado

Não ouse se afastar, peste sem fim,
nem com a visita da morte, sairá de mim

Crizeide Costa da Silva



Gatas de Rua

Sou Teresa de Benguela

Carolina de Jesus

E todos os índices de violência.

Samba nega!

A vida é bailarina, mas a nossa é capoeira.

Sou a rainha da cocada preta

A poeta sem livros, sem rima

Sem traços nem escolas

Guardada pelo tambor.

Samba Nega!

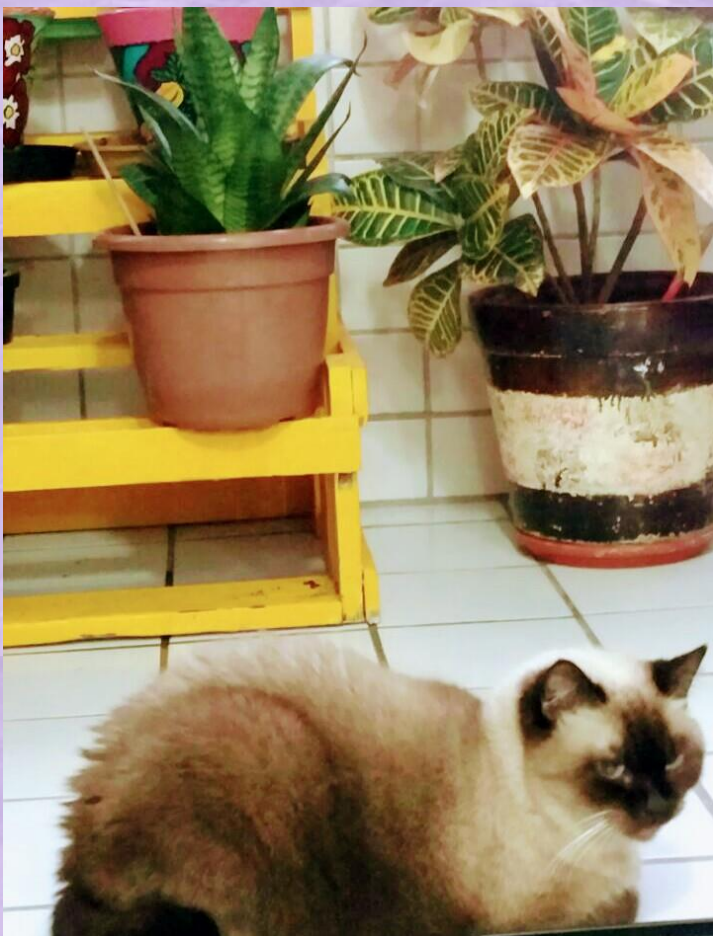
Que estória é essa de amor.

Somos a outra, do outro lado do muro, nos sinais,

a quem vem depois de quando, como, quanto...

A nossa existência já é um protesto.

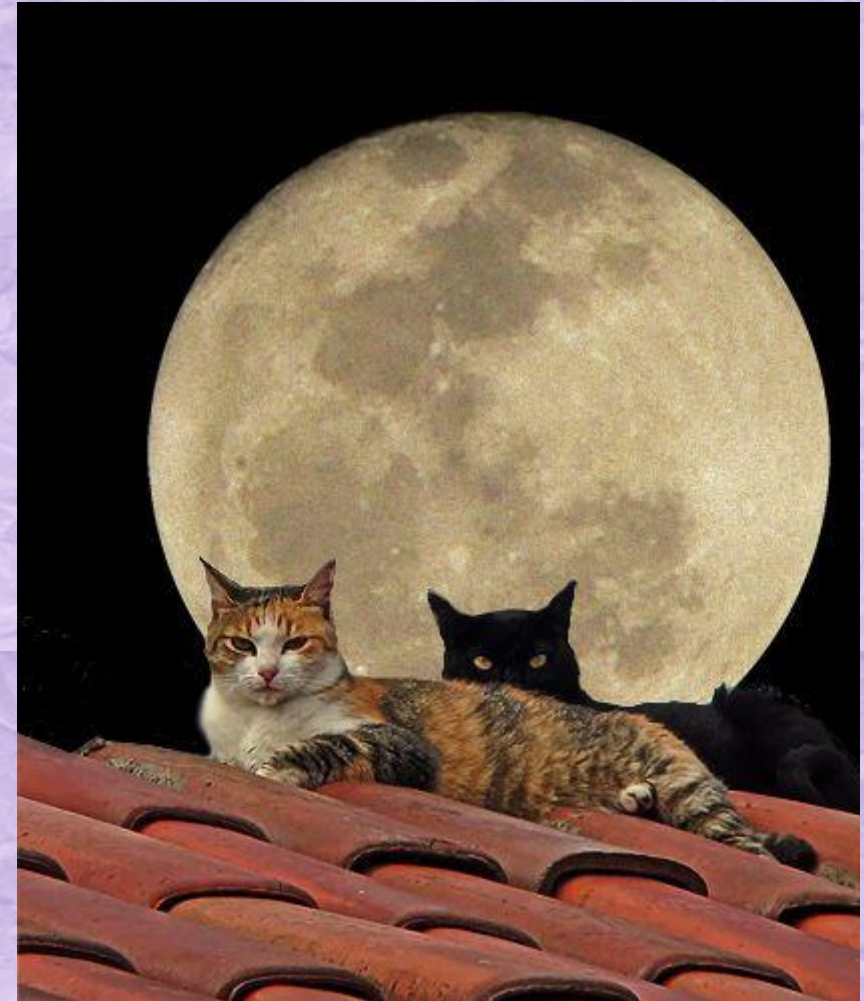
Concita Alves



Fotos de Cleide e Suzete



Chica, a gatinha vegana.



Fotos: Reprodução da internet

*Faça cheia, faça nova.
Minguante, crescente,
Montante, vazante.
Semínima, colcheia.
Ciclotímicas marés.
Ele sai, ele vai. O amor
É, sim, de fases,
A fluir nos bigodes.
Ele pode, não sabe.
Para onde, inquieto,
Bate o rabo. Não pede,
Segue. Tarde, até mais.
Cisma. Com razão, é de lua.
Dorme, de dia, com ela.
De noite, todas são suas.
Este é o seu principado.
Sapatilha de leve telhados.
Bússola ao vento, narinas.
Feromônios, toma ciência.
Bodas lunares, felinas.*

[Poema de Luiz Martins da Silva]





